

**Universidade Estadual Paulista
Instituto de Biociências**

Dançando na Escola:

“O Espetáculo Não Deve Parar”

**MARIA CRISTINA BONFIGLIOLI MARTINS DE
SOUZA SANTOS**

Orientadora: Prof^a. Dra. Luciana Maria Lunardi Campos

Relatório de Instrumentação apresentado ao
Departamento de Educação do Instituto de
Biociências – UNESP - Botucatu, como exigência
parcial para obtenção do título de Licenciatura em
Ciências Biológicas.

**Botucatu – SP
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉC. AQUIS. TRATAMENTO DA INFORM.
DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO - CAMPUS DE BOTUCATU - UNESP
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: *ROSEMEIRE APARECIDA VICENTE*

Santos, Maria Cristina Bonfiglioli Martins de Souza Santos.

Dançando na escola: “o espetáculo não deve parar”. / Maria Cristina Bonfiglioli Martins de Souza Santos. - Botucatu : [s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão (licenciatura – Ciências Biológicas) –
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Botucatu
Orientadora: Profª. Drª. Luciana Maria Lunardi Campos.

1. Ensino fundamental. 2. Dança na educação.

Palavras-chave: Dança; Educação; Ensino fundamental.

“Dançando é possível Educar e Educar-se, utilizando os recursos do movimento e da música. A dança é, portanto, elemento fundamental para formar e Informar o indivíduo, pois desperta nele a possibilidade de crescer em interação Consigo Mesmo, com o Outro e com o Meio”.

Marcus Ivan Santana Sampaio

Às duas pessoas mais importantes da minha vida: meu pai e minha mãe, pelo eterno companheirismo e amizade e por todo o carinho, apoio e excelente formação de ontem, hoje e sempre.

Agradecimentos

À minha família por sempre acreditar em mim, me apoiar em todas as minhas decisões e escolhas, mesmo quando elas aparecem as mais malucas e absurdas possíveis.

À minha avó tão querida, por estar sempre pronta para mimar a “neta preferida” (e única!).

Às minhas irmãzinhas de consideração da República Jaú Serve, por me acolherem no momento que mais precisei, me proporcionarem momentos de muita alegria e por agüentarem minhas manias por todos esses anos de convivência... Meninas, a irmã do meio ama muito todas vocês, isso inclui as ex-moradoras!

À Professora Luciana, pela ENORME paciência e por me dar segurança quando o projeto passou por uma defasagem de alunos.

Às grandes amigas e amigo: Skanks, Xilin, Malaka, Excedente, Tikero, Ci, Gére e Bongô, por todas as noites em claro de estudo, pelos trabalhos em grupo e por proporcionarem muitas gargalhadas, principalmente pelas coisas bem esquisitas que aconteceram na “Balakurato”... Obrigada pelos momentos maravilhosos e inesquecíveis!

À Pi, minha “irmã barba”, que se tornou a minha maior companheira das horas boas e das ruins, sempre me apoiando e me confortando quando eu mais precisava... Amo mais que “inhos”!!

À Contente, amiga irmã, por me agüentar praticamente 24h ao seu lado e, mesmo assim, ter paciência comigo até nas rotineiras vezes que eu atrasava.

Ao meu ex-namorado, mas atual e eterno amigo, Wagner, que mesmo estando há 3 anos do outro lado do Oceano Atlântico, sempre me apoiou e me deu forças para concluir a Faculdade, além de sempre conseguir me fazer rir quando eu estava triste.

À Quadragésima turma de Biologia (Integral), que mesmo estando dividida em vários grupinhos, me proporcionaram momentos adoráveis... É pessoal, esses quatro anos passaram rápido, esse último então, nem se fala...

À Professora Lúcia Maria Paleari, por dar a oportunidade à quadragésima em realizar um trabalho excepcional como o "Experimentando Ciência: Ciências Biológicas e seus fundamentos".

Aos amigos dançarinos, Guaia-k, Mexicano e C-ta, pela amizade, pelos ensaios para o Feunart que, mesmo intensos e exaustivos, resultaram em um excelente trabalho e por trazerem cada vez mais e mais perto a dança (paixão da minha vida) para perto de mim.

Aos meus mais novos amigos "botocudos", Batô e Tiaguinho (Di Morango), meus irmãos de coração, Lippi, Breno, Lu, Titi, Kindão, Nando e Ge, por mudarem a minha impressão sobre o pessoal de Botucatu e por me proporcionarem momentos de altas gargalhadas com histórias e situações que ficarão guardadas na memória...Valeu meninos, mas sem mais extintores, por favor!!

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida durante essa fase e que, de certa forma, marcarão para sempre minha história.

Índice de Figuras

FIG 01, 02 – Desenho sobre a atividade de imaginação.....	19
FIG 03, 04 – Desenho sobre a atividade de imaginação.....	20
FIG 05 – Desenho do esqueleto pintado por uma das alunas.....	24
FIG 06 – Desenho do esqueleto pintado por um dos alunos.....	24
FIG 07 – Capa do trabalho (sobre tipos de dança) apresentado por um dos alunos.....	30
FIG 08 – Conteúdo do trabalho (sobre tipos de dança) apresentado por um dos alunos.....	30
FIG 09 – Desenho apresentado aos alunos sobre a musculatura humana.....	31
FIG 10 – Figura sobre história da dança apresentada às alunas para elaboração da atividade.....	35
FIG 11 – Texto produzido pela aluna <i>Evelyn</i> em atividade de observação (figura sobre a “história da dança”).....	37
FIG 12 – Texto produzido pela aluna <i>Rebeca</i> em atividade de observação (figura sobre a “história da dança”).....	37
FIG 13 – Texto produzido pela aluna <i>Vitória</i> em atividade de observação (figura sobre a “história da dança”).....	39
FIG 14, 15, 16 – Realizando a atividade.....	57
FIG 17 e 18 - Desenho sobre sensações e música realizado por uma das alunas.....	58
FIG 19 – Se concentrando para iniciar a atividade.....	60
FIG 20 - Escravos-de-jó usando o corpo.....	60
FIG 21- Escravos-de-jó usando o corpo.....	61
FIG 22 - Festinha de despedida – O Encerramento.....	62
FIG 23 – Agradecimento.....	67

Sumário

Resumo.....	01
O início de tudo.....	02
Introdução.....	04
• Um pouco de história.....	04
• A criança e o dançar.....	07
• Sobre a dança e a educação.....	09
A dança somente no papel.....	13
Do papel para a prática.....	17
• O primeiro contato.....	17
• Conhecendo o corpo por dentro (parte I).....	23
• O primeiro contato com a dança: uma dança circular.....	25
• Conhecendo o corpo por dentro (parte II).....	30
• Conhecendo a Historia da dança.....	34
• A verdadeira Historia: a dança em seu contexto.....	38
• Uma dança diferente: o Sapateado.....	42
• Outra dança desconhecida e as alunas novas.....	45
• “Espelho, espelho meu...” e a atividade de expressão corporal.....	48
• Ultima aula do semestre: conhecendo um pouco do Ballet Clássico.....	50
• O retorno: trabalhando musica, ritmo e compasso.....	52
• Trabalhando mais um pouco com a música.....	54
• Brincando com o corpo.....	58
• O último encontro:uma finalização muito especial.....	61
Aquele que ensina também aprende.....	64
O espetáculo não deve parar.....	66
Referências Bibliográficas.....	68

RESUMO

Observando-se o desenvolvimento de uma criança, podemos perceber que, na verdade, nossa primeira e natural forma de comunicação se dá através de nossos corpos, sendo a linguagem oral e escrita as substitutas impostas pela atual cultura social. A execução de movimentos corporais como o dançar, por exemplo, é adequada para o desenvolvimento da criança como um todo, pois estimula aspectos como o senso de coletivismo/individualismo, a cooperação, a criatividade e a livre expressão.

A dança encontra-se inserida no currículo da Educação Básica, porém cada vez mais ela só toma forma às vésperas de alguma festividade escolar. Além disso, as coreografias são elaboradas e ensaiadas por professores despreparados e sem formação na área de dança, o que leva a um aprendizado vazio, sem conteúdo significativo para o desenvolvimento dos indivíduos.

Tendo como base o desenvolvimento infantil e sua relação com a dança, esse projeto desenvolvido com crianças do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Botucatu, teve como principal objetivo despertar nas mesmas o gosto pela dança. As atividades foram desenvolvidas em aulas semanais de uma hora e focalizaram o conhecimento teórico-prático de alguns tipos de dança, além de desenvolverem, dentre outras, a capacidade criativa, de socialização, de conhecimento do próprio corpo e expressão do ser.

De uma forma geral, houve participação e dedicação durante as atividades propostas, apesar da alta instabilidade e oscilação quanto ao número de alunos que participavam do projeto. Mesmo assim, pode-se perceber significativa evolução em relação à socialização, criatividade e motricidade das crianças.

Esta experiência permite a compreensão de que a dança deve estar inserida no contexto escolar, não apenas como forma recreativa, mas sim como ferramenta educativa para a formação de indivíduos.

O INÍCIO DE TUDO

Deparei-me, no final do terceiro ano do curso de Ciências Biológicas, com a necessidade de optar pela modalidade Licenciatura ou Bacharelado. Não tive dúvidas quanto a essa escolha, sempre gostei de ensinar, minha brincadeira favorita quando criança era “escolinha”, e durante todo aquele terceiro ano eu havia desenvolvido ainda mais o gosto por dar aulas, uma vez que atuei como professora voluntária em dois projetos de extensão da faculdade. Portanto, obter o diploma de Licenciada não era apenas uma alternativa futura para minha carreira, mas era a minha primeira opção.

A partir daí, algumas dificuldades começaram. Eu tinha que pensar sobre o que queria pesquisar, desenvolver o trabalho durante todo o ano seguinte e encontrar um orientador no departamento de Educação para o meu projeto. Muitas idéias vieram à minha cabeça, mas nenhuma realmente me agradava, me satisfazia.

Foi muito próximo do prazo de entrega dos planos de estágio que fui informada por uma das minhas amigas que uma aluna do último ano tinha realizado sua instrumentação com dança e educação e que estava procurando alguém para continuidade ao projeto. Nesse mesmo momento, eu me interessei pela proposta, pois a arte de dançar sempre fez parte da minha vida, desde muito pequena, mesmo tendo ficado afastada do ballet clássico por alguns anos. Então, entrei em contato com a orientadora do projeto e na discussão de propostas possíveis, fui encorajada a realizar algo meu, diferente do que já tinha sido feito.

E assim aconteceu... Aliada a essa minha paixão estava o fato de como a dança vem sendo tratada dentro das escolas (apenas uma grande diversão). Seria, então, minha oportunidade de estudar sobre esse contexto e de transformar, em algumas crianças, o conceito que se tem atualmente sobre dança na escola.

Ao longo do projeto, não tenho vergonha de dizer, muitas foram as vezes que pensei em desistir, não só pelas dificuldades que me foram apresentadas durante a execução do mesmo, mas porque às vezes não me sentia capaz de realizar aquilo que eu tinha proposto. Porém, fui perseverante e hoje afirmo com toda a minha certeza de que esse foi um grande desafio que eu escolhi para mim mesma e que conquistei com sucesso e intenso aprendizado.

O processo vivenciado está apresentado neste texto. Inicialmente, apresento algumas considerações sobre o dançar, bem como sua história e sua relação com a criança e a educação. Descrevo, ainda, momentos que vivi ao lado de “pequenas grandes crianças” e encontros que me enchem de alegria e saudades quando lembro de cada um que tivemos.

INTRODUÇÃO

- Um pouco de história...

A dança, assim como outras artes, é fruto da necessidade humana de se expressar. Desde a época Paleolítica têm-se registros do tema da dança. Figuras em grutas e, até mesmo, um semicírculo de ossos onde se pode observar a silhueta gravada de um homem em ação de dança são registros que comprovam que dançar é algo nato dos seres humanos (COSTA, 1998).

Toda ocasião era motivo para o homem primitivo dançar: celebrar a alegria e o amor, o amanhecer e o nascimento e, inclusive, nos momentos de sofrimento, dor, medo e na morte a dança fazia-se presente. A dança era uma ação espontânea, significava vida em todos os seus aspectos, era parte integrante do dia a dia (COSTA, 1998).

Houve época em que a dança, por ser muito difundida em ritos religiosos, tinha um caráter místico (CAVASIN, 2003). Dançava-se para os Deuses para alcançar algo desejado ou para agradecer o que se havia recebido.

Com o Renascimento cultural (séculos XV e XVI) muitas mudanças instalaram-se no campo das artes. Mesmo já sofrendo contínuas transformações através dos anos, na referida época a dança passou a ter um sentido diferente, de cunho social, deixando um pouco de lado o dançar para celebração. Ela passa a ser algo realizado apenas pela nobreza em forma de espetáculos teatrais ou em festas apenas como forma de entretenimento. Na França e Itália, essas danças são chamadas de "ballet da corte" e são muito diferentes do ballet que temos atualmente. As danças eram realizadas no chão e a platéia era quem ficava acima dos dançarinos. Isso porque apenas se valorizava a forma, os desenhos que os dançarinos formavam no chão, ao invés da técnica, dos passos. Todas as apresentações tinham algum enfoque

social e, principalmente, falavam sobre a monarquia, enaltecendo-a (AU, 2006).

Foi, então, Catarina de Médicis que, em seu casamento, levou à França composições que deram origem ao que conhecemos hoje por ballet clássico. A partir daí, no Romantismo, a mulher representa o inalcançável, o sonho idealizado pelo homem, e este passa a ser apenas um coadjuvante, sendo a bailarina o papel principal nas apresentações (AU, 2006).

As transformações na “dança social” continuam a acontecer e, aos poucos, torna-se acessível às classes menos privilegiadas. As pessoas passam a conhecer, então, as danças populares, que já vinham sendo desenvolvidas por essa camada social (CAVASIN, 2003).

É durante o reinado de Luís XIV que começam a acontecer os bailes de máscaras, onde o anonimato dos donos das festas era assegurado pelo fato de estarem mascarados. Em seguida, a atração maior passa a ser os bailes de Ópera, que se tornam acessíveis a todo o tipo de público (OSSONA, 1988). Mais tarde, surgem os salões de baile que envolvem a prática de valsas, polcas, seguindo até final do século XIX, momento em que as danças mais agitadas (influência advinda das Américas) começam a tomar conta dos salões. Os salões de baile são, então, importantes para o aparecimento da dança de espetáculo, que englobava o cancan e o cake-walk (show negro), e que esteve no auge até o fim do século XIX. Este último, por ser dançado com o acompanhamento de batidas de palmas, calcanhares e ponta dos pés, dá origem ao tap-dance (sapateado americano) que passa a ter espaço em shows musicais. Aparecem o gênero music-hall e os mais diversos gêneros da dança, que envolve o jazz, acrobacias, a dança clássica e a moderna. O estilo moderno surge como uma inovação na arte da dança, uma experimentação a partir do ballet clássico que se concretiza com a aparição do expressionismo (surgido pós Primeira Guerra Mundial) e cuja figura-raíz é Rudolf Laban (1889-1958), seguido de inúmeros

artistas que deixaram contribuições muito valiosas para a exploração e estudo do gênero (OSSONA, 1988).

Com essa breve descrição, podemos perceber que a dança sempre teve grande importância na vida humana, seja lá como forma de entretenimento ou como forma de se relacionar com o outro, com as mais diversas culturas mundiais. Porém, hoje em dia, parece que houve uma ruptura dos vínculos humanos com esse instrumento, não sendo mais este algo de tanta necessidade.

Para Ossona (1988, p.9):

A dança que, em todas as sociedades, é forma primordial de comunicação expressiva, passou também a ser dominada pelos grandes interesses econômicos que hoje manipulam nossos valores, atitudes e costumes. Enquanto manifestação artística, que expressa visões individuais do mundo, sentimentos humanos profundos e as pulsações do inconsciente, está cada vez mais abafada, cada vez mais desprovida de condições materiais para sobreviver.

Em vista do reconhecimento da presença da dança nos diferentes momentos históricos, concordamos com Ossona que a dança expressa sentimentos e possibilita realizações. Movimentos e gestos em dança permitem formular impressões, conceber e representar experiências, projetar valores, sentidos e significados, revelar sentimentos, sensações e emoções (DANTAS, 1999). Além disso, a dança permite que movimentos de nossa rotina ganhem significado, possam ser refletidos e valorizados.

Partindo dos benefícios que a dança traz para o indivíduo, este deveria ser um instrumento de grande exploração e de constante prática entre os seres humanos, desde a infância até os últimos dias de suas vidas.

- A Criança e o dançar

A criança nasce, se desenvolve e cresce, conhecendo o mundo e vivenciando experiências através do próprio corpo. É esse o meio de ação que ela utiliza para explorar e interagir no espaço em que vive (SANTOS, 2005). As crianças precisam desenvolver as habilidades e conhecimentos necessários para criar, modelar e estruturar movimentos em forma de dança expressiva. Muitas vezes elas utilizam os movimentos espontaneamente, variando seus gestos e dinâmicas para expressar seus sentimentos e idéias (FREIRE, 2001).

O valor psicológico do movimento se dá a partir do momento em que a criança toma consciência de si, de suas capacidades e suas relações com as outras pessoas:

[...] a organização do desenvolvimento se inicia na concepção, o domínio motor, afetivo-social (conduta pessoal-social) e cognitivo (conduta adaptativa e linguagem) vão se diferenciando gradualmente. Mas no início da seqüência, o comportamento motor é uma expressão de integração de todos os domínios. Este caráter do movimento indica o importante papel do domínio motor na seqüência de desenvolvimento do ser humano, mas isto leva às vezes a concepção de que o movimento é apenas um índice para medir outros domínios de comportamento. (DIONÍSIA apud NANNI, 1995, apud SANTOS, 2005, p.3)

Sendo assim, compartilha-se da idéia de Melo (1997) de que a gênese da consciência corporal é um aspecto que deve ser discutido em nível do próprio processo de desenvolvimento da criança afinal, desde as primeiras etapas de desenvolvimento, o corpo é o instrumento mais utilizado pela criança para sua comunicação.

Além da relação entre movimento e desenvolvimento, existe o fato de que toda criança simplesmente tem necessidade de praticar

ações que envolvam movimento. De acordo com Freinet (apud SCARPATO, 2001) a criança tem a necessidade de realizar atividades como saltar, correr, cair, sujar as mãos, gritar,... isso porque elas tem a necessidade de agir, criar e trabalhar, ou seja, empregar sua atividade em tarefa individual ou socialmente útil. Portanto, não podemos condená-las a ficar imóveis, isto seria uma enorme falha.

Se a motricidade se faz presente para a criança de forma a tornar-se uma necessidade, é de se esperar que a dança possa ser inserida nesse contexto, estando envolvida no cotidiano infantil.

[...] Dançar, então, não é um adorno na educação, mas um meio paralelo e outras disciplinas, que formam em conjunto a educação do Homem. Integrando-a nas escolas de ensino comum, como mais uma matéria formativa, reencontraríamos um novo Homem com menos medos e com a percepção de seu corpo como meio expressivo em relação com a própria vida. (Fux, apud SANTOS, 2005, p.4)

A alegria é uma das explicações universais sobre o porquê da dança. De acordo com Fux (apud SANTOS, 2005, p.5):

dançar faz fluir sensações de alegria provenientes da forma lúdica de movimentar-se livremente. Para ela, a dança na infância produz efeitos terapêuticos que proporcionam formas de expressar alegria, tristeza e euforia, permitindo que a criança lide com seus problemas, aumentando seu repertório e possibilitando identificar e nomear seus próprios sentimentos e pensamentos.

Assim a dança, em seu caráter educativo/formativo, pode oferecer o despertar e a construção da disciplina e da responsabilidade (SANTOS, 2005).

A existência da escola se justifica pela sistematização do conhecimento produzido pelo gênero humano, o que não é possível em outras instâncias da vida social fora da escola (SAVIANI, 1984). Portanto, pode a instituição escolar (local onde as crianças passam o maior tempo de sua infância, depois de suas próprias casas) trabalhar em seus programas todas as potencialidades que a dança, enquanto fator educacional e artístico, proporciona na fase da infância.

- Sobre a dança e a educação

O indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento.

Mesmo conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa, o movimento corporal humano acaba ficando dentro da escola, restrito a momentos precisos como as aulas de educação física e o horário do recreio. Nas demais atividades escolares, as crianças são obrigadas a ficarem sentadas em silêncio, prestando toda a atenção no educador (STRAZZACAPPA, 2001). Na visão de Bruni (apud STRAZZACAPPA, 2001) é quase que uma regra estabelecer uma enorme distinção entre arte e ciência, sendo que a primeira aprende-se através de atividades lúdicas e a segunda de maneira séria e constrangedora. Sua crítica não se estabelece apenas na questão da ausência do lúdico no aprendizado de disciplinas científicas na escola, mas também na ausência de seriedade nas disciplinas artísticas, o que leva à tendência da visão de que o ensino de artes é algo supérfluo.

A idéia de disciplina na escola sempre esteve ligada ao “não-movimento”. As crianças mais *educadas* e *comportadas* eram aquelas que simplesmente não se moviam. Atualmente, o modelo do *bom-comportamento* continua o mesmo e o movimento corporal passou a funcionar como uma moeda de troca. A imobilidade física é lançada como punição e a liberdade de se movimentar como prêmio. Muitas são

as vezes em que os alunos indisciplinados são impedidos de usufruir do horário do recreio ou até mesmo impedidos de participarem das aulas de educação física (STRAZZACAPPA, 2001). Isso acaba por distorcer a função e o sentido da criança de utilizar seu corpo para seu desenvolvimento.

Além disso, os cursos de artes nas escolas tendem a priorizar as atividades plásticas, atividades na qual o aluno acaba permanecendo sentado. Embora a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 garanta como componente curricular obrigatório da Educação Básica o ensino de Arte representado por várias linguagens (música¹, dança, teatro e artes visuais) raramente a dança, a expressão corporal, a música e o teatro são abordados, ou porque há uma falta de especialistas da área nas escolas, ou porque há um despreparo dos professores.

Em muitas escolas, a dança acaba sendo relacionada à Educação Física. Na visão de Hayes (apud MORANDI, 2006) a associação da dança com a Educação Física é negativa devido ao fato de a dança ser vista como outra atividade física, não sendo valorizada como Arte. Além disso, o caráter de atividade lúdica e recreativa que se estabeleceu à dança, como forma de distração e compensação permeia principalmente a educação infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental (MORANDI, 2006). E mais ainda, a dança ainda é vista como sinônimo de festividades escolares.

A dança, ao estar inserida no contexto das artes, além de contemplar os objetivos desse contexto, objetiva a participação ativa do aluno. Sendo assim, deve contemplar também, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o desenvolvimento de certas capacidades previstas para crianças do Ensino Fundamental:

- Desenvolver o conhecimento ajustado a si mesmo e o de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética,

¹ Verificar - normatização que torna obrigatório o ensino de música nas séries iniciais (aprovada este ano)

estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;

- Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir as produções culturais em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Dentre outras. (BRASIL, 1997)

Para Barreto (2004), aplicando esses objetivos à situação do ensino de Dança, pode-se dizer que esta, no contexto escolar, envolveria, dentre outros:

1. o desenvolvimento do potencial de comunicação e expressão individual e coletivo, através de uma interação individual e coletiva, através de uma interação entre percepção, imaginação, emoção, sensibilidade e reflexão.
2. a experimentação e a manipulação de materiais de dança.
3. o trabalho de produção artística como estimulador do autoconhecimento e conhecimento do outro, viabilizando respeito e reconhecimento diante da diversidade de produções.
4. a apreciação das obras de arte.

Mais ainda, de acordo com Strazzacappa (2001, p.2):

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como um apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresentam um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças que participam de uma coreografia em grupo.

Portanto, segundo Barreto (2004) os conteúdos propostos para o ensino de dança na escola devem estar relacionados com uma performance de criatividade, de expressão, advindo de cada corpo, em comunhão com outros corpos, sem que seja exigida técnica, evitando, assim, a discriminação e a exclusão, e priorizando a possibilidade de formação de um ser humano mais equilibrado em suas formas de pensar, agir e sentir.

Considerando que a dança atua no desenvolvimento físico, cognitivo, expressivo-criativo, cultural e social das crianças, além de sua importância como forma de conhecimento, assim como outras áreas, o projeto de dança na escola realizado com crianças do Ensino Fundamental I de uma escola municipal de Botucatu teve como objetivo propiciar às crianças uma nova ferramenta para seu desenvolvimento como um todo e, principalmente, despertar nas mesmas o gosto pela arte da dança.

A DANÇA SOMENTE NO PAPEL

O projeto foi proposto a uma escola Municipal de Botucatu em abril de 2007, que o aceitou muito bem o mesmo, pois no ano anterior foi desenvolvida uma atividade do mesmo gênero e a própria diretora já havia solicitado a continuidade ao projeto no ano seguinte.

Os encontros com os alunos ocorreram no período da tarde, das 13h45min às 14h45min, sendo às segundas-feiras no primeiro semestre e no segundo às sextas-feiras.

A proposta foi aberta aos alunos do 4º ano do período da manhã sem obrigatoriedade, e por volta de maio foram convidados também os alunos do 3º ano da manhã, devido à diminuição na quantidade de alunos que estavam participando do projeto.

Não era possível estimar exatamente quantas crianças participariam do projeto, mas havia clareza que o trabalho deveria ser voltado ao conhecimento da dança em um aspecto global e não focalizar num tipo específico, pois o objetivo era mostrar-lhes que existem outros tipos de dança além do ballet clássico.

A partir desse pressuposto, comecei a pensar como trabalhar com aquelas crianças, de modo que as aulas fossem agradáveis para todos, tanto para elas quanto para mim, e que todos pudessem sair satisfeitos de cada encontro, sem torná-los cansativos. Fazendo uma revisão bibliográfica sobre o tema da dança na educação deparei-me, então, com a dança educativa/criativa, que é uma proposta de dança que contribui no desenvolvimento de aspectos como aprendizagem, compromisso, cidadania, responsabilidade, interesse, senso crítico, criatividade, envolvimento, socialização, comunicação, livre expressão, respeito, autonomia e cooperação (SCARPATO, 2001).

Baseei meu planejamento na dança educativa, mas não me apoiei somente nela. Tinha como foco a forma como a dança educativa trabalha, mas também dei o meu toque às aulas. Como já fiz muitos

cursos relacionados à dança circular, sendo um inclusive direcionado à danças para crianças, resolvi incluir esse tipo de trabalho nas minhas aulas, principalmente porque este trabalha muito com a cooperação, conhecimento de si próprio e respeito ao próximo, o que tinha total relação com o tipo de trabalho que eu pretendia desenvolver com as crianças.

Assim, elaborei um plano de aula que trazia no dia-a-dia das aulas uma rotina, para facilitar o contato com as crianças. Cada aula estava basicamente apoiada em: **a retomada do conhecimento, hora da teoria, aquecimento, atividade do dia e a finalização da aula.**

A retomada do conhecimento baseava-se em questionamentos realizados para estimular as crianças a lembrar das atividades da aula anterior, afinal nossos encontros ocorreriam somente uma vez por semana. Ela seria realizada por um momento de conversa, o que permitiria que os alunos compartilhassem seus aprendizados e até mesmo falando sobre algo do tema que eles haviam se deparado durante a semana. De acordo com Scarpato (2001), essa “roda de conversa” é importante para proporcionar ao aluno um envolvimento maior, aspecto que deve ser desenvolvido no início de uma atividade.

Já a **hora da teoria**, era o momento de desenvolvimento dos aspectos conceituais da dança, principalmente a história da dança, os tipos de dança e o que seriam as tais danças circulares que executaríamos em algumas aulas.

O **aquecimento** estava incluso em quase todas as aulas, pois atividades que envolviam a movimentação corporal, o dançar, exigiam este momento para se preparar o corpo. Os exercícios eram acompanhados de músicas calmas e suaves para que as crianças pudessem relaxar toda a musculatura e se focassem naquilo que estavam fazendo, esquecendo todas as preocupações e agitações do mundo ao redor.

A **atividade do dia** - sempre uma novidade para elas. Nela, as crianças se deparavam com as mais diversas formas de se expressarem. Era o momento que envolveria desde danças tradicionais como o ballet clássico até atividades de musicalidade e expressão corporal.

E por fim, **a finalização da aula** que estava relacionada à conclusão do encontro, sendo esta uma atividade de relaxamento, de brincadeira, um momento de acalmar os ânimos para que voltassem para suas casas mais tranquilas. Apesar de ser um momento de maior descontração, ele era tão importante quanto qualquer outro momento, pois como diz Rocha (1997), a atividade lúdica é o espaço privilegiado onde há novas formas de entendimento do real, instaurando possibilidades para o desenvolvimento em vários sentidos.

Em vista da rotina planejada, o cronograma foi montado baseado na abordagem dos seguintes temas: Expressão Corporal – “descobrimo o seu corpo”, Bases da dança (noções de tipos variados), Musicalidade (música, ritmo, compasso), Cirandas, Criando histórias, Montando uma dança circular, Apresentação.

Porém, infelizmente com a participação muito baixa dos alunos, já desde a metade do primeiro semestre, e com a falta periódica de muitas das alunas que estavam participando no segundo semestre, não foi possível a realização de três das atividades programadas, sendo elas: a criação de histórias, a montagem de uma dança circular e a apresentação.

Mesmo assim não desisti de concluir o trabalho. E elaborei o fechamento de modo que ocorresse de forma positiva tanto para mim quanto para as alunas.

A seguir as atividades são descritas e analisadas.

“A dança, sob todas as formas, não pode ser excluída do curso de uma educação nobre: dançar com os pés, com as idéias, com as palavras, e, devo também acrescentar, que se deve ser capaz de dançar como uma pluma.”

Nietzsche

DO PAPEL PARA A PRÁTICA

• O PRIMEIRO CONTATO

Eu estava muito ansiosa em conhecer meus novos alunos. Mesmo já tendo experiência de ministrar aulas de dança, não sabia como eles iriam me receber, como seria o primeiro encontro e como seriam os seguintes, já que a expectativa deles poderia estar direcionada pela experiência (e a professora) do ano anterior. E essa possível expectativa não me deixava muito confortável.

Pensei muitas vezes se teria sido uma boa escolha continuar o trabalho de outra pessoa ou se era melhor ter iniciado com uma turma nova, que não tivesse tido contato algum com a dança. Apesar do pouco contato que tinha com a outra professora, sabia que nossas características são diferentes e, além disso, minha proposta de trabalho também não era igual à dela, o que havia em comum era o fato de desenvolver a dança com eles e de realizar pelo menos uma apresentação como fechamento das aulas.

Os alunos teriam que perceber e se adaptar as diferenças entre as professoras e as aulas, mas estava convicta de que a proposta daria certo, apesar do coração estar batendo forte.

Vieram somente quatro alunos (dois meninos e duas meninas) no primeiro encontro. Era perceptível que estavam animados e empolgados com o início da aula, pois todos não paravam de falar ao mesmo tempo e andar de um lado para o outro, muito agitados. Quando fui chamá-los para começarmos a aula, eu ouvi o comentário: "*Não falei que ela era a professora!*". Isso me deixou muito mais entusiasmada, podia ver claramente nos olhinhos deles que eles estavam felizes por eu estar ali.

Comecei me apresentando e apresentando o faríamos durante todo o ano, explicando que não trabalharíamos somente o ballet clássico.

Depois pedi para que cada um se apresentasse e perguntei quem já havia dançado alguma vez ou visto alguma apresentação de dança. As duas meninas já tinham feito ballet e participado das aulas de dança com a professora do ano anterior e um dos meninos também tinha feito algumas aulas com essa professora. Portanto, três já haviam dançado antes. Mas comentaram da "dança dos famosos", quadro de um programa que passa na televisão e que envolve, principalmente, dança de salão.

Pensando em televisão como um meio cultural de enorme incidência, que possui efeitos cumulativos (SALVADOR ET AL, 1999), de certa forma, muito me agradou saber que as crianças estavam assistindo algo que lhes traz um pouco de cultura e conhecimento sobre a dança mais clássica, mais artística.

Começamos realmente a aula com uma atividade de imaginação. Sans (1995, p.52) diz que:

a criança, a partir do momento que descobre sua imaginação, percebe que pode ir além da sua experiência imediata, porque ela pode viver situações que não existem e isso a coloca em uma situação privilegiada.

Fui induzindo-os a se verem (de olhos fechados) se movimentando, expressando e finalmente dançando. No início foi muito difícil fazer com que ficassem realmente de olhos fechados. Estavam muito inquietos, queriam saber se o outro colega estava com os olhos fechados e qualquer ruído externo era motivo para que abrissem os olhos. Porém em alguns minutos eles foram se acalmando e comecei a perceber que estavam começando a participar da atividade. Algumas pálpebras estavam fortemente cerradas, parecia até que estavam

fazendo força para conseguir se concentrar, pensar nas minhas palavras e imaginar! O comportamento perante um exercício de natureza estranha para os alunos foi muito interessante. Parecia que estavam submetidos a um grande desafio. De acordo com Wallon, a partir dos seis anos o conhecimento do novo e a conquista do mundo exterior são o foco de maior atenção das crianças, havendo preponderância do aspecto cognitivo neste caso (GALVÃO, 1995).

Após abrirem os olhos, eles deveriam desenhar ou escrever sobre alguma coisa que eles imaginaram. Escreveram pouco, a maioria preferiu desenhar e os desenhos apresentados foram dos mais diversos e criativos possíveis, como podemos ver a seguir.



FIG 01: Desenho sobre a atividade de imaginação

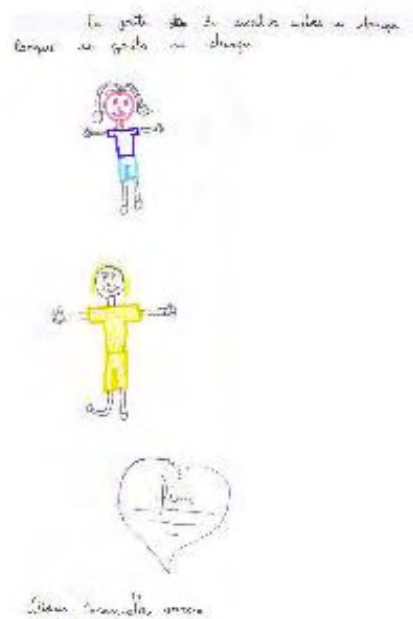


FIG 02: Desenho sobre a atividade de imaginação



FIG 03: Desenho sobre a atividade de imaginação



FIG 04: Desenho sobre a atividade de imaginação

Smirnov (1969) define capacidade criativa como sendo a *imaginação criadora*, ou seja, a capacidade de uma pessoa produzir ou dar vida a algo que não existia até então; é, pois, a capacidade de imaginar e executar algo novo (apud ZANLUCHI; PALANGANA, 2003). Por isso, acredito que essa atividade tenha sido de grande valia, pois possibilitou às crianças desenvolver e/ou expor essa capacidade deles.

Pedi para que cada um explicasse o que havia visualizado, a partir dos desenhos e frases que haviam realizado. Uma das meninas desenhou alguns exercícios de alongamento, outra fez passos de ballet. Quanto aos meninos, um deles desenhou um homem ouvindo música e dançando e o outro desenho era do próprio aluno dançando tango. Durante as apresentações dos desenhos, um dos alunos declarou: "*Pro, sabe eu fiz esse desenho porque gosto muito de tango e quero muito um dia saber dançar. É uma dança muito bonita de se ver! Outra dança que eu gosto também é aquela que as pessoas ficam rodando no chão, o break!*". Para Vygotsky, o faz-de-conta é a oportunidade que a criança tem de criar uma situação imaginária e ilusória, como forma de

satisfazer seus desejos não realizáveis (REGO, 1995). Dessa forma, a atividade de imaginação possibilitou aos alunos, em especial esse, viver algo que desejavam, mesmo que apenas em forma mental.

Fiquei muito surpresa em saber que com aquela pouca idade ele gostava de tango. Na minha concepção, esse tipo de dança era algo apreciado por pessoas mais adultas, por ser uma dança mais séria. Mas pude ver que talvez eu estivesse errada e que estava com um pré-conceito estabelecido em relação ao gosto infantil e o que as crianças atualmente conhecem sobre dança.

Dando gancho a esse trabalho, perguntei qual era a parte mais importante que todos visualizaram que não seria possível dançar sem ela. *"É a música, professora!"*, dois dos alunos mais que rapidamente responderam. Os outros dois não concordavam mais não sabiam responder. Começamos a comparar as ferramentas necessárias em outros tipos de trabalho. Questionei sobre os mais diversos tipos de trabalho:

- *O que é mais essencial para um pintor realizar seu trabalho?*
(professora)

- *A tinta!* (alunos)

- *E para um carteiro?* (professora)

- *Cartas!* (alunos)

- *E para um médico?* (professora)

- *Pessoas doentes!* (alunos)

- *E no caso de um ator?* (professora)

- *Pessoas assistindo o que ele apresentar!* (alunos)

As perguntas se seguiram até chegarmos ao dançarino. Através de perguntas fui direcionando a discussão para chegarmos à idéia central, até que um dos alunos falou: *"O dançarino tem que se movimentar para que tenha dança"*. Achei que esse era o momento para intervir. Com isso, perguntei: *"Então para se movimentar é preciso*

fazê-lo com o corpo, certo?”, todos concordaram e chegaram à conclusão que para a dança a ferramenta era: O CORPO!

Passei, então, a falar do corpo. O corpo foi comparado com uma bexiga que quando esticada, alongada fica mais fácil de encher e dificilmente estoura com facilidade. Por isso, concluímos que o alongamento corporal é essencial para facilitar os movimentos na dança e não prejudicar nossa maior e mais preciosa ferramenta de trabalho.

Para finalizar a aula fizemos um trabalho de alongamento. Primeiramente, expliquei sobre a postura deles que deveria estar sempre ereta, mesmo quando não estivessem se preparando para dançar. Um dos meninos fez o seguinte comentário: *"Dói ficar reto!"*, falei para eles que no começo doeria mesmo, porque a maior parte do tempo eles ficam sentados com a postura totalmente torta, mas que se comesçassem a se policiar e se endireitar todas as vezes que não estivessem com boa postura, uma hora passaria a ser automático sentar-se direito e não haveria mais dor nas costas. Depois expliquei cada exercício de alongamento e eles reclamavam um pouco que doía aqui e ali, que não alcançavam.

Le Boulch (apud MELO, 1997) diz que a criança de sete a doze anos já possui consciência do seu corpo, é capaz de verbalizar suas experiências tônicas e motoras e assim reconhecer suas capacidades. Então, expliquei que cada um tem seu limite, portanto não era preciso forçar nada, com o tempo eles poderiam melhorar, mas não era para ter pressa, o segredo era praticar.

De uma forma geral, o primeiro encontro foi muito agradável e a minha convicção inicial de que tudo foi reforçada. Tudo correu bem: as atividades planejadas, a empatia das crianças por mim, a empolgação das crianças pelo o que foi proposto, ou seja, ao término do encontro saí por aquele imenso portão de grade da escola muito feliz e satisfeita.

• CONHECENDO O CORPO POR DENTRO (PARTE I)

Nesta aula entraram três novas alunas e um aluno, porém duas alunas presentes no encontro passado não vieram. Mesmo assim, aproveitando os dois que tinham participado anteriormente, questionei os alunos sobre o que eles lembravam da outra aula e as idéias principais indicadas foram: a importância do nosso corpo e a necessidade de um alongamento.

Em busca de possibilitar o auto-conhecimento pelos alunos, propus que cada aluno tateasse o seu próprio corpo minuciosamente, sentindo, principalmente, quais locais eram possíveis sentir os ossos e suas articulações. Para Vayer (apud CAVASIN, 2003) o desenvolvimento da criança resulta das relações e comunicações que ela estabelece entre seu corpo, as outras pessoas e a realidade das coisas. Desta forma, a consciência corporal se torna essencial para seu desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, apresentei um desenho do esqueleto humano para que eles o observassem individualmente e identificassem o que representava os ossos que eles sentiram em seu corpo. O desenho não estava colorido, pois a atividade seguinte envolveria a coloração do mesmo pelos próprios alunos. Eles ficaram surpresos com o que puderam sentir (ou não) e visualizar no desenho "*Nossa professora, nós temos muitos ossos, não é?*", "*Não dá para sentirmos todos, tem uns que ficam escondidos!*".

Em seguida, expliquei a eles o que em anatomia chamamos de esqueleto axial (ossos que dão sustentação e suporte a outros, ou seja, os principais no nosso corpo) e esqueleto apendicular (ossos complementares, dos apêndices, ou seja, aqueles que encontramos nos membros superiores e inferiores). Expliquei, ainda, duas das funções do esqueleto humano (sustentação e proteção). Após essa explicação os alunos pintaram o desenho com duas cores diferentes, distinguindo as duas divisões do esqueleto humano.

Com cada aluno apalpando o próprio corpo, os ossos mais externos foram sendo facilmente identificados nos desenhos. Eles deveriam, então, pintar os ossos do esqueleto axial de uma cor e os do apendicular de outra. E os resultados, gráficos, estão apresentados abaixo

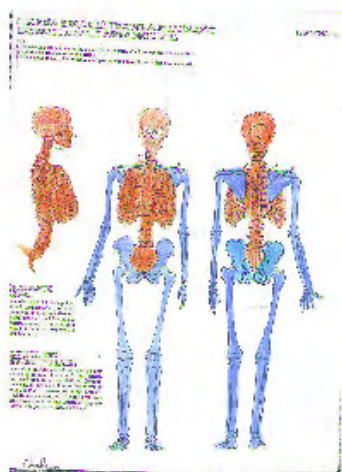


FIG 05: Desenho do esqueleto pintado por uma das alunas

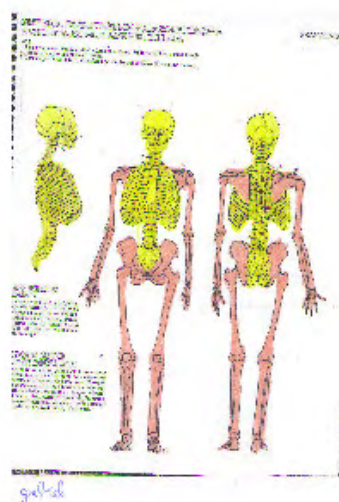


FIG 06: Desenho do esqueleto pintado por um dos alunos

Trabalharam na atividade com muito entusiasmo. A cada novo osso identificado uma alegria, um “grito” de euforia planava no ar.

Scarpato (2001) defende que a educação deve integrar corpo e mente, ensinando o aluno a pensar em termos de movimentos para dominá-los e não apenas a se preocupar com o domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem.

Por estarem muito agitados, os alunos demoraram muito para realizar a atividade de pintura. Não paravam de conversar um só minuto, a todo o momento eu tinha que retomar a atenção deles para o trabalho. Segundo Piaget, para as crianças existe uma “regulação de energia segundo a vontade”, que seria o fato delas despenderem todas as forças necessárias para realizar um trabalho de interesse delas, enquanto que o emprego desta energia cessa caso aja desinteresse (PIAGET, 2002, p. 57).

Com o desenvolvimento da atividade de pintura, o encontro foi encerrado e não foi possível começar outra atividade.

Apesar da conversa intensa dos alunos, o encontro transcorreu bem, sendo que todos participaram ativamente em todos os momentos, realizando de forma íntegra a atividade proposta.

• O PRIMEIRO CONTATO COM A DANÇA: UMA DANÇA CIRCULAR

No encontro seguinte, fui muito bem recepcionada, até com beijos! Os alunos estavam muito agitados, correndo de um lado para o outro e perguntando o tempo todo quando iriam começar a dançar.

Inicialmente, me sentei com eles para conversar por alguns minutos como tinha sido o final de semana, a aula de manhã, até que consegui observar que as crianças estavam mais calmas. Foi nesse momento que deixei explícito para os alunos que eu me importava com eles não somente naquele momento que estávamos juntos, mas em saber como tinham passado a manhã e até mesmo a semana anterior.

Para Wallon (apud ALMEIDA, 1999), a afetividade na escola se faz presente na interação entre os próprios alunos e entre professor e aluno, devido ao fato da transmissão de conhecimento implicar em uma interação entre pessoas. Mas ainda, o veículo de transmissão da afetividade é a linguagem, meio de sensibilização infantil, que ocorre devido ao respeito em ouvir e ser ouvido e devido à admiração.

A interação social tem enorme importância para o desenvolvimento do ser humano, na visão de Vygotsky (REGO, 1995). Além de todas as experiências fornecidas para a criança através da cultura, da linguagem, da fala com o outro auxiliar na organização dos processos mentais. Por isso, acredito que o momento inicial de

conversa, nesse encontro serviu para acalmá-los e deixá-lo mais atentos durante aquela uma hora que passamos juntos.

A partir do momento que estavam mais centrados, relembramos os principais pontos da aula passada. Novamente, questionei-os quanto ao assunto abordado e o que lembravam da aula anterior, com a intenção de que eles lembrassem por conta própria e eu pudesse identificar o que tinha sido realmente significativo para eles. Dessa forma eu constataria a necessidade de retomar algum conteúdo relevante e que talvez não tivesse sido bem compreendido.

Os três pontos centrais da aula anterior (saber que o esqueleto humano é a sustentação e proteção do nosso corpo e que está dividido em axial e apendicular – não necessariamente saber os nomes, mas o conceito básico – e tatear o corpo para identificar alguns ossos) foram mencionados e comentados pelos alunos:

- *A gente pintou o desenho sobre o esqueleto!* (aluno)
- *É, e de duas cores porque nossos ossos se dividem em dois tipos, só não me lembro os nomes, pro!* (aluno)
- *Ah! E a gente sentiu no corpo os nossos ossos.* (aluno)
- *Para que servem os ossos do corpo humano, alguém lembra?* (professora)
- *Para fazer com que a gente possa ficar em pé e não como boneco molenga!* (aluno)
- *É, não é bem assim, né pro? Os ossos servem para segurar os músculos. Isso é que deixa a gente desse jeito.* (aluno)

Percebi que os alunos tinham compreendido a função, mas que para a maioria as idéias estavam um pouco confusas, por isso eles não conseguiam se expressar claramente. Então, resolvi intervir para favorecer a organização das idéias e através de perguntas aos alunos, conduzi uma linha de raciocínio para chegarmos a uma conclusão final. Questionei quanto à rigidez dos ossos e eles responderam que eram bem duros. Depois perguntei se algo duro poderia ser utilizado para

sustentar, segurar outra coisa e obtive a resposta afirmativa. Em seguida perguntei sobre os músculos, se eram classificados mais para duros ou moles. As crianças responderam que eram mais para moles. Por fim, questionei se seria possível os músculos se sustentarem por si só ou se deveria ter algo para segurá-los para que o nosso corpo ficasse rijo como é. A resposta final dos alunos foi a própria conclusão que todos chegaram: *"O corpo precisa dos ossos para ficar rijo, então os músculos são segurados por eles. Essa é uma das funções dos ossos"*. Faltava explicitar a outra função. Novamente, comecei com uma pergunta: *"Algo duro pode servir de escudo para nós?"*. A resposta foi imediata e no ponto que eu queria chegar. Um dos alunos lembrou da outra função que eu havia falado no encontro passado: *"Os ossos também protegem os órgãos que tem dentro do nosso corpo, não é mesmo?"*. Concordei com ele e fiz um apanhado geral das duas funções apenas para concluir melhor com todos os alunos.

Logo em seguida, fizemos um trabalho de alongamento, no qual os alunos se empenharam para realizar corretamente todos os exercícios apresentados. As reclamações quanto à dor diminuíram, o que indica que eles haviam entendido que era necessário respeitar os próprios limites corporais.

Quando falei que iríamos começar a dançar, a alegria foi geral. Rostinhos com um enorme sorriso impresso e olhinhos brilhando foi o que pude observar em cada um dos alunos. Além de pulos e gritos, que tive que conter, pois estávamos no meio do pátio e havia aulas nas classes próximas.

Iniciamos uma dança circular infantil com o tema do musical "Os Saltimbancos". Primeiramente, expliquei que as danças circulares são danças milenares, passadas de geração para geração e que normalmente estão relacionadas à cultura de um povo. São danças de celebração e que eram utilizadas pelos povos antigos de forma sagrada. Costa (1998, p.21) traz a idéia de que "as Danças Circulares

representam uma retomada de antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas, acrescidas de novas criações, coreografias, ritmos e significações próprias do homem inserido na realidade atual”.

Acresci, ainda, que hoje em dia existem danças circulares que foram recentemente criadas e que todas essas danças sempre levam uma mensagem para aqueles que assistem e, principalmente, para aqueles que dançam. Além disso, cada pessoa tem a possibilidade de ampliar seu repertório de movimento através dos diversos ritmos e repertórios que a dança circular traz e, compartilhando-os com o grupo, é possível criar uma linguagem particular com a dança que vai sendo decifrada e assimilada por cada indivíduo do seu modo (COSTA, 1998). Portanto, eles deveriam prestar atenção não somente nos passos, mas também no que aquela dança ia contar para eles. *"Como assim, professora?"*, uma das alunas questionou. Expliquei que a dança contaria uma história para eles. Todos ficaram muito entusiasmados e queriam começar a dançar logo.

Passamos a dança, passo por passo e com isso já foram surgindo algumas dificuldades. Não senti muito falta de ritmo, muito pelo contrário, eles seguiram muito bem a música, mesmo quando eu não dancei junto. Mas percebi algumas dificuldades quanto aos movimentos e de permanecerem com a roda o suficientemente aberta para facilitar a dança. Como estávamos em poucos (apenas seis alunos) para dançar uma dança circular (um maior número facilita a formação do círculo) pedi para que permanecessem o tempo todo com os braços um pouco esticados para evitar que a roda se fechasse tanto. Deixei que eles se integrassem aos movimentos por conta própria, para que aos poucos comesçassem a “fazer parte” do corpo deles. Comecei a entender, então, que eles estavam preocupados em realizar bem os movimentos e por isso acabavam fechando tanto o círculo. De acordo com Eid (1998), as Danças Circulares nos propiciam a liberdade de errar. Quando alguém da roda “erra o passo”, possibilita à pessoa

descobrir que não está sozinha, pois o suporte dos demais a auxilia, de uma forma compreensiva e empática, a encontrar novamente o passo certo. Conviver com a possibilidade de errar, mesmo no curto período de tempo que se está dançando, é uma experiência altamente enriquecedora, principalmente neste mundo em que vivemos, onde o certo e o bem sucedido são perseguidos a qualquer custo, e o erro é considerado como fracasso.

Na visão de Eid (1998, p.155), “nossas dificuldades na dança podem aguçar a percepção e fornecer indícios sobre a forma como lidamos com as dificuldades na vida”.

Além disso, compartilhando o movimento com o grupo, cria-se uma linguagem particular que se estabelece com a dança e que vai sendo decifrada e assimilada por cada indivíduo à sua maneira (COSTA, 1998).

Por isso, expliquei a eles que não se preocupassem naquele momento em realizar os passos perfeitamente. Eles deveriam deixar que o corpo os levasse e que depois de algumas vezes que eles treinassem, ficaria cada vez mais fácil, até que uma hora realizariam a dança com mais soltura e desenvolvimento.

Todos entenderam a seqüência e a “lógica” da dança, pois em várias partes em que a letra da música era repetida e as crianças deveriam dançar da mesma forma, elas dançaram.

Outra coisa que me surpreendeu foi eles saberem exatamente a hora de “entrar na música”. Mostrei uma vez apenas e eles já souberam fazer sozinhos sem erro! Para um primeiro dia de dança eles se saíram muitíssimo bem.

“*Vou ensaiar no recreio todos os dias!*”, “*Eu também!*” esses foram os comentários que surgiram ao final da aula. A felicidade estampada no rosto deles era ainda maior do que aquela que observei antes deles dançarem. Muitos até falaram que era gostoso dançar daquele jeito.

A partir disso, percebi que um dos meus objetivos estava sendo alcançado: mostrar que a dança é algo prazeroso de se fazer, não importando as dificuldades que apareçam e que devemos dançar sempre de forma íntegra, corpo, mente e espírito dançando juntos.

Finalizamos o encontro e pedi para que trouxessem para a próxima aula uma pesquisa sobre algum tipo de dança.

• CONHECENDO O CORPO POR DENTRO (PARTE II)

A pesquisa solicitada no encontro anterior tinha por objetivo possibilitar que cada um trouxesse para o grupo alguma contribuição para o aprendizado dos diferentes tipos de dança que começaríamos a estudar nos próximos encontros. Em aulas seguintes, retomaríamos o conhecimento que os alunos tinham obtido através da pesquisa e discutiríamos novos conceitos que eu apresentaria a eles.

No entanto, somente um aluno trouxe algo sobre o sapateado: apenas uma frase e um desenho.



FIG 07: capa do trabalho (sobre tipos de dança) apresentado por um dos alunos



FIG 08: conteúdo do trabalho apresentado (sobre tipos de dança) por um dos alunos

Pedi que ele mostrasse o trabalho e explicasse aos seus colegas o que ele havia pesquisado sobre o sapateado, para que todos

conhecessem um pouco sobre aquele tipo de dança. *"Eu pesquisei sobre o sapateado, que é uma dança muito legal que as pessoas fazem sons com os pés, porque usam um sapato especial que tem metal em baixo."* Os colegas se entusiasmaram muito queriam saber se eu ia ensiná-los essa dança e eu falei que aprenderíamos alguns passos básicos em aulas futuras. A alegria foi geral.

Em seguida, retomamos o que havíamos abordado na aula sobre os ossos do corpo e perguntei a eles o que protegia esses ossos. Ficaram quietos por alguns instantes pensando na minha pergunta. Resolvi instigá-los com outras perguntas e, através de questionamento, conduzi a conversa até que eles chegaram à conclusão que são os músculos responsáveis por essa função. Complementei, ainda, explicando que os músculos estão presos nos ossos por tendões (como se fossem elásticos) e, portanto, não ficam "soltos".

Apresentei, então, o desenho dos músculos do corpo humano, como aquele que havia levado sobre o esqueleto.



FIG 09: Desenho apresentado aos alunos sobre a musculatura humana

O espanto foi geral: *"Uau! Quantos!"*, *"Nossa que feio!"*. Ninguém imaginava que sem a pele seríamos daquela forma.

Pode-se considerar que os alunos, possivelmente, se encontram no estágio operatório concreto, de acordo com a teoria piagetiana. Por isso, só conseguem pensar em situações ou algo que elas podem vivenciar ou que lembram de ter vivenciado, não sendo capazes de criar hipóteses (PIAGET, 2002). Logo, era de se esperar que todos reagissem da forma que reagiram, pois mesmo já tendo ouvido falar que o corpo humano é composto por muitos músculos, ainda não faz parte do desenvolvimento deles a capacidade de relacionar o que eles sabem com a realidade em que se dão as coisas, ou seja, de supor como os músculos seriam e como estariam arranjados no nosso corpo.

A partir daí, lembrei com eles que nosso corpo é como se fosse uma bexiga e que temos que alongar muito antes de dançar para ficar mais fácil de realizar os movimentos e não nos machucarmos.

Sem seguida, entreguei um desenho dos músculos (como a fig 07) para cada aluno e, a cada exercício de alongamento que fazíamos, eles deveriam pintar a região muscular que estávamos trabalhando, quando o exercício mudava e a região alongada era outra, eles deveriam usar outra cor. Nessa atividade fiz com que eles mesmos sentissem quais as partes estavam alongando e eles apontavam no desenho. Na maior parte das indicações, eles acertaram. Somente algumas vezes tive que intervir e pedir para que realizassem novamente o exercício.

Com essa atividade eles tiveram uma maior conscientização do corpo deles e puderam realmente sentir suas limitações. Além disso, a criança com idade escolar já tem um conhecimento sobre seu corpo, mas muitas vezes este não foi despertado. Cabe ao professor aproveitar tais conhecimentos e a partir deles promover outros mais complexos (VERDERI, 2000).

De acordo com Bordo (*apud* MARQUES, 2003, p.117):

Atualmente, já é possível reconhecermos o corpo como algo socialmente construído, pois o corpo humano é nele mesmo uma entidade política inscrita, onde fisiologia e morfologia são formadas por histórias e práticas de constrição e controle.

Pensando nesse corpo socialmente construído, existem propostas educacionais na área de ensino de dança que estabelecem conexões entre o pessoal e o social, que contribuem para que alunos e alunas desenvolvam a própria consciência corporal (SHAPIRO, *apud* MARQUES, 2003, p.118).

No final da aula, dançamos novamente a dança circular dada na aula anterior, com a finalidade de lembrarmos os movimentos e de integrar ainda mais o grupo. Apesar de termos ficado uma semana sem aula, por causa de um feriado, eles se lembravam de toda a dança, passo por passo.

Segundo Costa (1998), ao dançar em roda, o indivíduo entra em contato com o seu corpo em movimento, com a expressão e com o grupo, estabelecendo e transformando suas relações sociais. É uma forma/instrumento para que cada pessoa possa ampliar sua consciência individual e grupal.

Pude perceber que alguns haviam treinado em casa, pois estavam se saindo bem melhor, estavam mais desenvoltos. Porém, a dificuldade quanto a deixar o círculo sem fechar ainda existia. Mas eu tinha a consciência de que conforme a ansiedade dos alunos diminuísse e com treino, eles poderiam superar essa dificuldade e eu buscava transmitir essa segurança para eles.

Mais uma vez o envolvimento dos alunos foi completo, em ambas as atividades propostas.

- **CONHECENDO A HISTÓRIA DA DANÇA**

Participaram do encontro seguinte, somente duas meninas. E a primeira coisa que fizeram foi falar e mostrar que haviam ensaiado mais uma vez durante a semana toda a dança circular.

Percebi que elas tinham a necessidade de ter minha aprovação no que elas estavam fazendo. Lembrei-me de quando eu tinha a idade delas e que, da mesma forma, eu fazia de tudo para agradar minha professora para receber um elogio. Isso era muito prazeroso para mim. Entendo que nesta idade é necessário que o afeto à criança se dê não somente na forma corporal, mas também de modo cognitivo, na forma de um elogio a um trabalho realizado pelo aluno, admiração e explicitação de interesse do professor pela vida do aluno (ALMEIDA, 1999).

Por isso, as elogiei muito por estarem se comprometendo com a dança e, novamente, reforcei o fato de que era importante elas continuarem praticando, porque assim elas melhorariam a cada dia não só naquela dança, mas em outras que viriam, pois elas começariam a desenvolver uma melhor consciência corporal.

Perguntaram o que íamos dançar naquela aula e expliquei que havia planejado uma outra atividade para aquele dia, que executaríamos essa outra atividade primeiro e que, se desse tempo, dançaríamos no final da aula como havíamos feito na aula anterior. A expressão delas indicou que não gostaram muito da proposta, mas aceitaram.

Nesse dia tínhamos um grande problema: não havia local para ficarmos. Depois de certo tempo, as mesas no meio do pátio foram desocupadas e, assim, conseguimos iniciar a atividade.

Mostrei a elas a figura a seguir.



FIG 10: Figura sobre história da dança apresentada às alunas para elaboração da atividade

Pedi que escrevessem uma história sobre a dança, colocando nessa história o que achavam ou o que já haviam ouvido falar de quando iniciou, quem dançava, onde, para que, etc. A gravura seria utilizada por elas como forma de aguçar a imaginação delas, ou se elas já tivessem um conhecimento prévio, para facilitar a escrita do texto que deveria ser produzido, uma vez que se tratava de uma figura de como eram as apresentações de dança.

A aula concentrou-se nessa atividade, pois no pátio (local onde estávamos) estava ocorrendo ensaio da fanfarra da escola, o que atrapalhou a concentração das alunas, que demoraram muito para escrever.

Recolhi os textos produzidos para ler com calma em casa e falei que iríamos continuar a atividade na aula seguinte, depois que eu lesse o que elas haviam escrito, nós íamos discutir e comparar com a real história que eu ia lhes contar.

Quase no fim da aula, apresentei nove perguntas para que elas respondessem em casa e trouxessem a resposta na aula seguinte. O conteúdo das questões estava centralizado na “História da dança”, assunto este que desenvolveríamos durante algumas aulas e, a partir da observação cuidadosa da gravura, elas obteriam muitas das respostas. Eram elas:

- 1) As apresentações eram realizadas em cima de um palco?
- 2) Onde ficavam os espectadores?
- 3) De qual classe social eram os dançarinos? Eles eram profissionais da dança?
- 4) Quem chefiava os dançarinos?
- 5) Como eram os figurinos?
- 6) Quanto tempo demorava as apresentações?
- 7) Além de dançarinos, quais artistas também se apresentavam?
- 8) Para que eles dançavam (finalidade)?
- 9) Quando eles apresentavam espetáculos de dança?

As respostas poderiam ser obtidas através de pesquisa ou perguntando para alguém que conhecesse algo sobre dança ou, ainda, respondidas por conta de algum conhecimento prévio que elas já tivessem sobre o assunto. O próprio desenho que eu havia mostrado, quando bem observado, já respondia algumas das questões como a primeira e a segunda. Contudo, o objetivo maior era que as alunas buscassem novos conhecimentos para que na aula seguinte os conceitos fossem retomados.

A aula terminou e não foi possível realizar nenhuma dança.

Ao ler as histórias, em casa, pude observar que as frases que escreveram são totalmente desconexas. Uma das alunas teve maior dificuldade ainda, não soube nem fazer uma história com começo, meio e fim, apenas descreveu a gravura, conforme apresentado a seguir.

Era uma vez num canto lindo cheio de flores e lá
tinha cantos e dançarinos ele começou a cantar sua linda mus-
ca e um monte de pessoas escutaram sua linda canção de amor
e eles chegaram para ouvir.

Os roupas deles antigamente eles usavam roupas diferentes agora
nos usamos roupas de cor que gosto eles usavam um tipo assim o chapéu com
uma pena enfiada e tinha uma brusa diferente a calça parecia
ferradeira e tinha uma espada.

O chapéu era feito de pedra eles gostavam da qual todo sabe por-
que? ali tinha tudo o que eles precisavam na janela dava para
ver um castelo feito de pedras.

Ali tinha muitas flores linda lá tinha um chão gostoso.



FIG 11: Texto produzido pela aluna Evelyn em atividade de observação (figura sobre a "história da dança")

Era uma vez um lindo capa com um monte
de pessoas e um cantor cantando para eles
e admiraram a dança e a música e eles
admiraram a bateria para um e ele continuou
a música e acanpanharão a música e a
acharam muito bonito e a calça estava
linda com mate e gal e acharam linda
que venha com roupa diferentes e armadura
diferente a teta tinha dezenas diferentes um
não venha com armadura e a porta era
linda e o cantor também venha com uma
capa e um chapel linda e o chal era palha
a janela não tinha fechadura e estava
muito fria e na janela dava para ver
uma grande ave com uma e foi uma
linda festa

FIM

FIG 12: Texto produzido pela aluna Rebeca em atividade de observação (figura sobre a "história da dança")

As principais idéias que surgiram estavam relacionadas às vestimentas das pessoas, à existência de um cantor que se apresentava junto aos dançarinos e à descrição do local onde eram feitas as apresentações.

Muito me chocou essa atividade. Eu não tinha contato com a realidade de escrita de crianças de oito anos, muito menos com a dificuldade que elas teriam em elaborar uma história com começo, meio e fim conexos. Quando planejei essa atividade estava convicta de que elas conseguiriam realizar essa atividade sem grandes dificuldades quanto à forma, que seria apenas uma atividade de estímulo da criatividade, observação e conhecimento prévio delas.

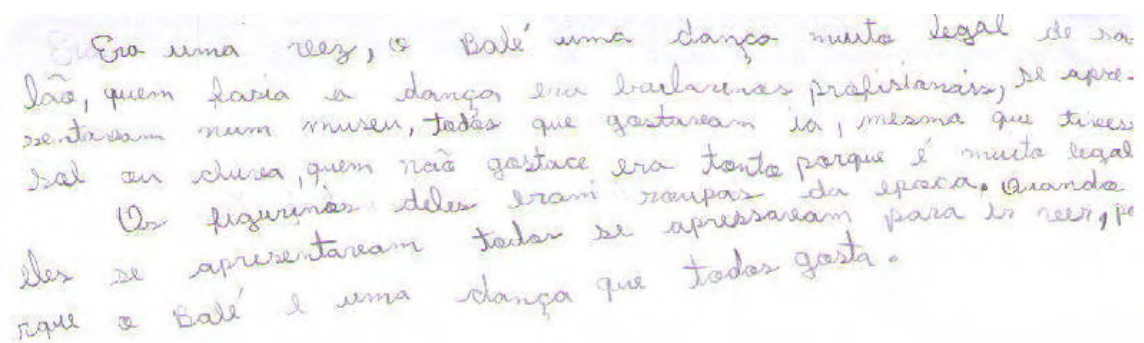
Este foi um momento de grande aprendizado para mim e de desafio para elas, mas que mesmo com toda a dificuldade, as alunas não lançaram mão de sua capacidade e se dedicaram até o término da atividade.

• A VERDADEIRA HISTÓRIA: A DANÇA EM SEU CONTEXTO

Devido, novamente, à fanfarra pedi para uma das funcionárias da secretaria da escola se era possível ficarmos em outro lugar. Dessa vez sugeri a sala de informática, já que da outra vez, ninguém cedeu-nos sala alguma.

Novamente, vieram poucos alunos, as duas da aula anterior e mais uma. Nenhuma das duas tinha respondido às questões, inclusive uma delas nem tinha trazido a folha onde estavam as perguntas.

Dei uma nova folha para as duas e dei tempo para que elas fizessem em aula a atividade, enquanto que a outra aluna escreveu a história dela, apresentada a seguir.



Em uma vez, o Balé uma dança muito legal de na-
ção, quem fazia a dança era bailarinos profissionais, se apre-
sentavam num museu, todos que gostavam lá, mesmo que tives-
sem bal em casa, quem não gostava era tanta porque é muito legal
Os figurinos deles eram roupas da época, quando
eles se apresentavam todos se apressavam para lá ver, po-
rque o Balé é uma dança que todos gostam.

FIG 13: Texto produzido pela aluna Vitória em atividade de observação (figura sobre a "história da dança")

Das três histórias, foi a que mais teve conexão com a figura apresentada. Foi possível perceber que a aluna entendeu o que foi proposto, além de prestar atenção nos detalhes da figura. Mesmo não escrevendo corretamente o que aconteceu de fato na história, ela conseguiu extrair do desenho muitas informações coerentes.

Perguntaram-me quando dançariam novamente e eu expliquei que a dança não era somente o ato de dançar, mas também envolvia o estudo de sua história, do corpo, dos movimentos, assim como nós estávamos fazendo. Era preciso conhecer teoricamente a dança e não só a prática para que o trabalho ficasse completo.

Para Marques (2003), a relação do movimento com outros aspectos da dança faz com que ela se transforme em arte, pois se criam relações simbólicas e significativas entre aquele que interpreta o movimento e o meio.

Ao tratarmos dos contextos da dança, "estamos incluindo os saberes *sobre* a dança ou o conhecimento indireto na arte" (REID, apud MARQUES, 2003, p.30, grifo autor). E ainda:

Articulado às outras formas de conhecimento, estes contextos específicos possibilitam um distanciamento da produção artística que, elucidando outros aspectos que também fazem parte do mundo da dança, complementam, elaboram, articulam e até mesmo alteram nossa experiência direta com ela (MARQUES, apud MARQUES, 2003, p.30).

Na minha visão, o encontro foi muito agitado: o barulho do lado de fora parecia influenciar demais as alunas e elas não achavam posição confortável para ficar, principalmente, porque tivemos que ficar no chão da sala uma vez que todas as mesas da sala estavam ocupadas com os computadores. A todo o momento vinham me perguntar se a resposta estava certa ou não ou apenas comentar algo, era visível que a concentração estava reduzida.

No entanto, eu precisava das respostas delas às perguntas para começar a explicar a verdadeira história da dança. Elas comparariam as respostas com o que era fato e verificariam o que estava certo e o que não, a partir daí começaríamos uma discussão. Mas essa atividade era para ter sido feita em casa com uma pesquisa ou, pelo menos, com tempo para se pensar.

Por fim, nos últimos minutos da aula contei a história da dança:

Desde o tempo dos Homens primitivos já existia a dança. O movimento corporal era uma forma de comunicação entre os próprios Homens e entre eles e os Deuses. Dançavam quando estavam alegres, quando estavam tristes, para agradecer algo, para conquistar algo, dentre outros momentos.

A dança passa, então, a não ser apenas um instrumento comunicativo, mas também a forma de se atingir outro universo, através de cerimônias e cultos. Passa-se a ter uma formação circular onde homens e mulheres dançam juntos sem uma ordem certa. Mais tarde, surgem as danças de roda coletiva, cujos dançarinos (homens/mulheres) não mais se misturam, formam-se círculos concêntricos de mulheres e outro de homens. Essa forma se modifica com o tempo e começa-se a dançar em duas linhas frente a frente, ainda sendo uma de homens e outra de mulheres, o que caminhou para as danças de pares.

Com o passar dos séculos, as tribos se transformam em nações, e é em meados dos séculos XVI e XVII que nasce na França os "Ballets da Corte", bem diferentes do que hoje (século XXI) nós chamamos de ballet.

As apresentações não eram realizadas em palcos, mas sim em grandes e espaçosos aposentos onde as pessoas da platéia sentavam-se em

bancadas nos três lados em volta do chão (verdadeiro local onde ocorriam os "espetáculos"). A maioria dos espectadores via as performances de cima, pois a maioria da atenção era voltada para as figuras, os desenhos que os dançarinos formavam enquanto eles se moviam. Chamada, também, de dança das figuras ou dança horizontal, essas apresentações consistiam em mostrar formas geométricas que tinham, na maioria das vezes, significados simbólicos.

As danças eram realizadas, normalmente, em grupos de um só sexo, raramente entre casais e os dançarinos eram nobres e amadores (ao invés de profissionais como ocorre hoje), chefiados pelo rei ou pela rainha.

Em contraste com os bailarinos atuais, eles eram mais terrenos devido aos movimentos e passos que realizavam serem derivados de danças sociais da época, que enfatizavam graça, elegância e ética mais do que força e agilidade.

O figurino era baseado nas vestimentas da época e os cenários eram móveis, lembrando os atuais carros alegóricos. Além disso, as performances começavam tarde da noite e seguiam por quatro ou cinco horas.

Os Ballets da Corte eram uma mistura de arte, diversão e política (uma vez que tinham como principal propósito glorificar o Estado).

É Catarina de Médicis que, depois, leva para a França as composições que se transformam no ballet clássico que conhecemos no dias de hoje. A mulher, então, passa a ser o enfoque principal e o homem apenas o apoiador da dançarina.

Contudo, com o tempo, surgem os salões de baile e a dança tem, novamente, suas atenções votadas para todas as classes e não mais só para a nobreza. Por influência das Américas, desenvolvem-se as danças mais agitadas como o cancan, sapateado (tap-dance), jazz. A dança moderna surge como uma inovação do ballet clássico e é alvo de muitos estudos e exploração nos dias atuais.

Em seguida, tirei as dúvidas quanto a algum termo utilizado e que elas não tinham entendido e quanto à cronologia dos acontecimentos. "*Então no começo não tinha dança de casais?*", "*Eu achava que o ballet tinha sido a primeira dança!*", "*Pro, o que é glorificar o Estado?*".

Não surgiram muitas dúvidas, mas sim comentários do tipo: "*Como a dança é antiga!*". Expliquei que não era necessário elas saberem as datas, por isso eu mesma não tinha me preocupado em relatar isso para elas, mas era necessário que elas soubessem que houve uma evolução no contexto da dança.

Decidi, então, que na aula seguinte escreveríamos um texto no caderno sobre o assunto, apontando os principais pontos. Assim, elas teriam um registro e quando necessário ou quando quisessem poderiam consultá-lo. Para isso, perguntei se era possível que cada uma trouxesse um caderno e a resposta foi afirmativa.

A relação com o texto produzido por elas (histórias) ficou empobrecida e não foi possível discutir as idéias que elas apresentaram sobre história da dança, porque as respostas não tinham sido escritas com clareza e nem elas mesmas não entendiam o que elas tinham escrito.

• **UMA DANÇA DIFERENTE: O SAPATEADO**

Estavam presentes as três alunas da aula anterior.

Iniciei o encontro, dizendo que começaríamos a conhecer alguns tipos de dança que existem hoje em dia. Expliquei, também, que entraríamos em contato com essas danças, mas só com o básico de cada uma, pois para um maior aprofundamento seria necessário que ficássemos anos estudando cada uma.

As alunas ficaram eufóricas, antes mesmo de eu falar que dança seria. Nos dois últimos encontros, não tínhamos dançado e elas estavam me perguntando quando iríamos dançar de novo.

Apresentei, então, o sapateado. Primeiramente, expliquei que para essa dança é preciso um sapato especial que tem duas chapinhas de metal, uma pregada na parte da frente e outra na parte de trás. Mas

como esse é um sapato caro, nós faríamos os exercícios como se estivéssemos usando o sapato só para conhecer os movimentos e num outro dia, eu levaria para que elas vissem como ele é. Mesmo assim elas continuaram empolgadas com o que aprenderiam de novo.

Começamos com um alongamento, lembrando em que parte do corpo cada exercício estava atuando e depois iniciei a explicação básica de que no sapateado tudo é feito com um pequeno “plié”, ou seja, os joelhos devem estar um pouco flexionados o tempo todo para facilitar a execução dos movimentos. Falei para elas que esse “plié” era como o do ballet, só que no sapateado as pernas ficam sempre paralelas.

Executei e expliquei passo por passo, desde a saída do movimento até onde chegava, mostrando se utilizava somente a movimentação de pés, ou de joelhos, ou, mais ainda, da perna como um todo. Elas foram acompanhando e executando os passos junto comigo. Ensinei apenas os básicos, mudando para um diferente só quando sentia que elas haviam entendido o anterior. Nomeei-os para que elas conhecessem um pouco mais sobre e expliquei também a origem dessa dança e, conseqüentemente, o porquê das nomenclaturas.

Após relacionar a nomenclatura do sapateado com a história da dança, que já havia contado a elas em aula anterior, as meninas ficaram muito entusiasmadas com o que estavam fazendo, pois se tratava de uma dança diferente, que *“saía música dos pés”*, como disse uma das alunas. Elas nunca haviam praticado e, algumas das alunas, nunca tinham visto só ouvido falar.

Percebi uma enorme dificuldade por parte das alunas quanto à execução, devido, principalmente, aos movimentos serem totalmente novos e diferentes do que elas conheciam de dança. As próprias alunas perceberam suas dificuldades e uma delas falava o tempo todo que não conseguia fazer nada daquilo. Eu intervi e expliquei que nem todo mundo consegue fazer algo novo bem feito de primeira, às vezes é necessário muito treino, principalmente na dança.

Outra dificuldade foi em relação a “soltar” as articulações, pois no sapateado é necessário muita flexibilidade de tornozelos, joelhos e coxa/bacia para a realização dos passos. Além disso, direita/esquerda e encaixar os movimentos no ritmo da música foram pontos que as alunas também demonstraram ter problemas. Entendi que as dificuldades para “soltar” as articulações e em relação à musicalidade eram devidas ao fato de serem movimentos novos e, como na dança circular, elas ainda estavam se familiarizando com eles e se preocupando em realizá-los com perfeição, o que as atrapalhava na execução dentro do ritmo musical. Tinha a consciência de que a prática as auxiliaria muito, juntamente com o trabalho com música que estava no meu planejamento para ser realizado no semestre seguinte.

Mesmo elas querendo realizar tudo perfeitamente, eu não estava preocupada que, naquele momento, elas saíssem dali realizando os passos do sapateado como se já dançassem há muito tempo. Meu objetivo era que tomassem o conhecimento da existência da dança, a forma de se dançar e como alguns passos são executados, para que incorporassem elementos básicos da dança.

Como não tínhamos espelho e eu precisava dançar de frente para as alunas para conseguir observá-las e corrigí-las quando necessário, para lidar com a dificuldade de direita e esquerda passei a realizar os movimentos com a perna contrária ao que era, como se eu fosse o espelho delas. A partir daí, percebi que tudo ficou mais fácil para elas.

Queriam repetir várias e várias vezes os movimentos que eu as havia ensinado e era possível ver no rosto de cada uma o quão estavam felizes e gostando do que estavam fazendo.

Mais uma vez, no final da aula escutei o seguinte comentário: *“Vamos ensaiar no recreio, para a próxima semana, tá bom professora?”* e mais uma vez uma alegria muito grande tomou conta de

mim. Estava com a sensação de que meu papel estava sendo cumprido e meu objetivo também.

Por ser o primeiro dia que realmente trabalhamos com “o dançar mais técnico” as meninas se saíram bem, mesmo com as dificuldades apresentadas.

Não foi possível escrevermos sobre a história da dança no caderno, como havíamos combinado, pois a agitação e euforia das alunas era tão grande que foi praticamente impossível direcionar a atenção delas para a produção de textos escritos. Então, pedi que trouxessem o material na aula seguinte para que pudéssemos fazê-lo.

• **OUTRA DANÇA DESCONHECIDA E AS ALUNAS NOVAS**

Apareceram mais três alunas novas e das alunas presentes nos encontros anteriores, só restaram duas.

Como fiquei preocupada com o fato das novas alunas não terem participado dos outros encontros, fiz uma revisão, por meio de diálogo com as alunas antigas, questionando o que elas aprenderam sobre dança, até aquele momento. As respostas não relataram tudo, mas alguns aspectos foram destacados: corpo, importância de um alongamento, a dança ser muito antiga e o sapateado ser uma dança vinda dos Estados Unidos e realizada com um sapato especial. Comentaram, ainda, que já haviam aprendido uma dança em roda e alguns passos de sapateado.

Como escreveríamos ao final da aula sobre a história da dança, comentei brevemente sobre o assunto, falando apenas que tínhamos estudado, também, a origem das danças, mas que no final da aula eu voltaria a falar sobre isso. Deixei para explicar melhor quando fôssemos realizar a atividade de escrita.

Como início, fizemos o alongamento e realizamos os exercícios do sapateado da aula anterior. As alunas ainda estavam muito empolgadas e me disseram que haviam treinado muito em casa e no recreio durante a semana toda. Fiquei muito contente com isso, pois pude perceber o quanto elas estão gostando e se dedicando à dança.

Neste caso, percebi que além da motivação extrínseca que eu estava proporcionando, elas também tinham uma motivação intrínseca que as acompanhava nas aulas de dança. As alunas estavam realmente motivadas para a dança, reconhecendo que fatores como: envolvimento e persistência com as atividades escolares propostas, sentido de competência, realização e valorização das atividades escolares e preocupação com o reconhecimento estão envolvidos na motivação intrínseca do aluno (SIQUEIRA & WECHSLER, 2006).

Revisando os passos do sapateado, pude realmente ver a evolução das alunas, principalmente daquela que, na aula anterior, dizia que não conseguia fazer o que eu estava ensinando. Na verdade, ela era a que estava fazendo de forma mais correta e já estava até cooperando com as alunas novas.

Piaget (2002) afirma que a criança torna-se capaz de cooperar depois dos sete anos de idade, porque não mais confunde seu próprio ponto de vista com o dos outros, desaparecendo nessa fase a linguagem egocêntrica.

A interação entre alunos como, por exemplo, quando um aluno ensina para o outro, traz grandes benefícios para ambos, pois ocorre o reconhecimento de semelhanças e contrastes, levando os alunos a buscarem compreender e coordenar as diversas habilidades e expressões com respeito e cooperação (BRASIL, 1997). Além disso, a linguagem entre os alunos é mais próxima, o que facilita a aprendizagem e aquele que já havia aprendido tem a possibilidade de melhorar ainda mais enquanto ensina o outro.

Reunindo todos os exercícios em uma seqüência, obtivemos uma pequena coreografia e quando elas perceberam isso ficaram ainda mais animadas. Dançamos algumas vezes com uma música escolhida por mim e deixei que elas estudassem em casa a seqüência para o próximo encontro.

Continuei o encontro falando que conheceríamos um pouco do jazz. "*Que legal, vamos dançar de novo!*", "*Jazz???*", "*Nossa! Nunca ouvi falar!*".

Expliquei que era uma dança mais agitada que o sapateado e que não precisava de sapato especial, mas que normalmente se dançava com sapatilha de meia-ponta assim como o ballet clássico, devido ao jazz ter sido originado deste. Complementei dizendo que assim como o sapateado, o jazz havia "nascido" na América do Norte, apesar da técnica ser baseada totalmente no ballet clássico francês e que diferente do clássico a maioria dos movimentos são realizados *en dedans*, termo francês que significa fechado, ou seja, os pés permanecem em paralelo.

Da mesma forma como a primeira aula de sapateado, apresentei alguns passos, executando-os de forma lenta e explicando como fazê-los, porém já os estava unindo em uma coreografia. Ao mesmo tempo elas iam realizando os movimentos e eu as corrigia quando necessário. Mais uma vez percebi algumas dificuldades, mas não deixei que elas desanimassem, sempre afirmava que a prática era o segredo do bom desenvolvimento e as lembrava como elas tinham melhorado na dança circular e no sapateado, quando treinaram em casa.

O elogio também sempre estava presente quando elas conseguiam realizar algum dos movimentos, dessa forma nunca presenciei um momento que elas desistissem de algo. Estou de acordo, portanto, com Wallon (apud ALMEIDA, 1999) quando ele diz ser necessário na fase escolar, além de um contato corporal, um reforço na forma cognitiva.

Ao final da aula, num momento de relaxamento, pedi para que elas pegassem os cadernos para escrever o que eu ditaria sobre a história da dança para que, assim como combinado, elas tivessem um registro de parte da teoria da dança.

Fui ditando a história de forma simples e clara, como eu havia contado para elas, parando para explicar para as alunas novas. Elas escreveram tudo e, ao final, pedi que elas relessem em casa com calma e, que se surgisse alguma dúvida, conversaríamos no encontro seguinte.

Senti dificuldade em relação a continuidade ao trabalho, pois só duas alunas participavam dos encontros desde o início. As alunas novas haviam perdido parte sobre a teoria da dança e, mesmo com essa breve introdução, senti que para elas faltaria algo.

• “ESPELHO, ESPELHO MEU...” E A ATIVIDADE DE EXPRESSÃO CORPORAL

No encontro seguinte, só vieram duas alunas, uma do grupo antigo e uma nova. Além disso, a fanfarra estava ensaiando no pátio novamente e tivemos que ir para a biblioteca, cujo espaço é muito apertado e entre estantes e livros, conseguimos realizar a atividade.

Retomamos as duas pequenas coreografias da aula passada, a do sapateado e a do jazz. Na do sapateado, fiz o que na dança chamamos de “limpar a coreografia”, ou seja, observei as alunas fazendo sozinhas e corriji detalhes de braços, mãos, pés, cabeças... para deixar tudo mais bonito. Fiz isso explicando para elas o que eu estava fazendo e que só podia fazê-lo porque elas já estavam dançando direitinho. O sorriso estampou o rosto das duas.

Já no jazz, aumentei a coreografia com novos passos e realizamos-na em dois tipos de música uma lenta e outra mais rápida.

Depois de darmos muita risada, pois elas tinham se atrapalhado totalmente com a música rápida, uma das alunas comentou "*Puxa pro, como é difícil fazer com essa música rápida!*".

Percebi que na música mais lenta as alunas conseguiram realizar os movimentos, ou seja, elas já tinham entendido como fazer e o que faltava era a agilidade (que a prática permite ter).

Durante a atividade encontrei no canto da biblioteca, o espelho que foi construído para as aulas de dança do ano passado. Ele estava sobre uma armação de rodas, por isso consegui arrastá-lo e utiliza-lo para que as alunas pudessem visualizar seus movimentos da dança. Ficaram muito animadas, inclusive me ajudaram a movimentar o espelho quando viram o que eu estava fazendo. Não paravam de se olhar nele, nem mesmo quando eu estava procurando os Cds com as músicas e elas estavam esperando. Fiz, ainda, um trabalho de expressão corporal, pedindo que elas se deitassem no chão e que, com os olhos fechados, comessem a relaxar todo o corpo. Depois pedi que imaginassem que elas eram leves como uma pena e que, então, se movessem no chão de forma leve. Em seguida, pedi para que se sentissem pesadas e que executassem movimentos pesados. Ao meu comando elas se levantaram e deveriam se movimentar por todo o espaço que tínhamos, sem preocupação com que direção andar. Depois pedi que andassem como se estivessem alegres, tristes, bravas, dentre outros sentimentos (elas deveriam demonstrar através do andar e da fisionomia).

Esse trabalho de expressão corporal, além de proporcionar às alunas uma movimentação dos seus corpos diferenciada do que estavam acostumadas, tinha por finalidade aguçar a capacidade criativa de cada uma. Para Stori (2003), as atividades que privilegiam a criatividade são de grande valia para a criança, pois constituem um processo complexo em que elas reúnem diversos elementos de sua experiência para formar um novo e significativo todo.

Porém, como estavam somente em duas, elas ficaram um pouco envergonhadas e mesmo pedindo para que elas realizassem os exercícios de olhos fechados as meninas não se soltaram o suficiente.

Entendo que esse ocorrido deveu-se ao fato de ainda estar sendo estabelecido um novo grupo, de estarem em uma fase de iniciação/construção de um grupo. O grupo anterior havia se dissolvido e estavam presentes duas alunas que haviam se conhecido na aula anterior e que não tinham um contato mais próximo, mesmo estudando na mesma escola.

- **ÚLTIMA AULA DO SEMESTRE: CONHECENDO UM POUCO DO BALLET CLÁSSICO**

No último encontro, apareceram seis alunas novas, portanto a aula foi desenvolvida com nove alunas.

Fiz uma revisão geral de tudo o que já havíamos visto em aulas anteriores, mas não foi possível passar detalhes para as alunas novas porque perderíamos muito tempo. Eu fazia pergunta às alunas que estavam comigo durante as aulas anteriores sobre os assuntos que havíamos estudado e a partir das respostas delas eu fazia os comentários ou adicionava alguma coisa que eu julgava importante para o conhecimento das outras alunas, e que elas esqueciam de mencionar. Mas sempre eu instigava elas com perguntas para que elas falassem, elas lembrassem e revivessem naquele momento tudo o que haviam feito e sentido durante as atividades. Revimos, então, a história da dança, as duas coreografias (sapateado e jazz) e a dança circular que fizemos bem no começo do semestre.

Seguindo o que estávamos aprendendo sobre os variados tipos de dança, focalizei o ballet clássico. Expliquei que devido à dança

clássica ter se iniciado na França, como havíamos visto na história da dança, os nomes dos passos do ballet são todos em francês.

Ensinei a base do ballet clássico que, na verdade, é a base para muitas outras danças assim como o sapateado e o jazz. Eu realizava o movimento e em seguida elas o executavam em quanto eu corrigia, principalmente, postura e de onde saía o movimento, por onde passava e até onde chegava.

As meninas realizaram bem os exercícios, mas percebi a diferença entre essa aula e as outras em que ensinei danças mais "agitadas". Elas pareceram muito mais introspectivas, atentas e concentradas, assim como deve ser o ballet, e se saíram bem. Segundo Caminada & Aragão (2006, p.27) "o domínio da técnica depende, em grande parte, da atenção. A atenção, sem dúvida, envolve disciplina".

Porém, tivemos um pouco de dificuldade de realizar a aula, porque novamente a fanfarra ensaiava no pátio e não tínhamos como usar a biblioteca ou a sala de informática. Tivemos que ficar próximas à quadra que estava em reforma, mas não era possível escutar muito bem a música clássica devido ao barulho da fanfarra e da obra. Apesar do grande esforço das meninas foi difícil manter a concentração.

Quando anunciei que aquela era a última do semestre, ouvi em coro "*Ah! Que triste!*", queriam a todo custo que as aulas continuassem durante as férias. Expliquei que não seria possível e esse seria também um tempo para que elas "digerissem" melhor tudo o que haviam aprendido até aquele dia. "*Brinquem bastante, se divirtam muito e curtam as férias*" foi o que eu pedi que fizessem. Falei, ainda, que não se preocupassem com as danças, era para terem um momento de descanso, assim como muitos bailarinos têm após dias de trabalho. Retomaríamos tudo na volta às aulas.

Avisei para elas que as aulas retornariam no início de Agosto. Muito eufóricas, queriam saber quando, mas combinamos que entraria

em contato com a direção da escola para avisar o dia exato, pois teríamos que mudar o dia da semana de nossos encontros.

Antes de ir embora recebi beijos e abraços de todas.

• **O RETORNO: TRABALHANDO MÚSICA, RITMO E COMPASSO**

Retornamos das férias com outra data para nossos encontros. Agora iríamos nos reunir às sextas-feiras, no mesmo horário de antes. As meninas voltaram muito empolgadas e alegres. Fui recebida com muitos beijos e abraços!

Para iniciar o semestre conversamos um pouco sobre as férias, todas queriam contar o que tinham feito. Fizemos alguns minutos de roda de conversa e organizamos de forma que cada uma teve a oportunidade de falar e de ser ouvida por todas as outras.

Eu as escutava atentamente e sempre que possível fazia uma ou outra pergunta, demonstrando que estava ouvindo interessada o que elas estavam contando. Na visão de Wallon (apud ALMEIDA, 1999), as necessidades afetivas da criança em relação ao professor se fazem pela interação física a princípio, mas conforme a idade da criança passa-se a ser necessário uma ação mais cognitiva, como ao nível da linguagem.

Depois dessa roda, relembramos os passos da coreografia de jazz e sapateado que havíamos ensaiado antes das férias e, para minha surpresa, elas lembravam de todos os passos corretamente. Por isso, não utilizamos muito tempo com essas danças e apresentei logo para elas o que era novo: contagem da música.

Lendo outros trabalhos e até mesmo prestando atenção nas minhas alunas, percebi que era necessário mostrar e explicar como se faz isso na dança. Falar de ritmo, compasso não é só para quem aprende música, mas para quem aprende dança também, afinal em uma coreografia todos os passos entram na contagem musical.

Além disso, a música é um fenômeno corporal de grande receptividade e a criança já tem contato com o universo sonoro, através das vozes das pessoas, sons da natureza etc, mesmo antes de nascer (VERDERI, 2000).

Essa atividade foi uma das mais complicadas de realizar, porque elas ainda estavam agitadas com a volta às aulas e queriam dançar, se movimentar. Com isso, tive que estabelecer um acordo: começaríamos a trabalhar com essa atividade que já estava planejada e depois eu as ensinaria passos novos de sapateado. Elas aceitaram muito bem e passaram a prestar atenção no que eu estava explicando.

Fiz com que cada uma ouvisse uma música e tentasse encontrar a contagem da mesma. Apenas uma das meninas conseguiu de primeira fazer a contagem musical e as outras tiveram um pouco de dificuldade, mas todas acabaram conseguindo após algumas tentativas.

A partir disto, expliquei que em uma mesma música podemos ter dois ou mais jeitos de marcar o compasso, pois podemos nos basear nos diferentes instrumentos da música ou porque podemos contar mais lentamente ou mais rápido (não entrei em nomenclaturas específicas de música). Novamente fiz com que elas praticassem os dois tipos de contagem em cada música. Eu colocava a música, iniciava a contagem e elas tinham que continuar conforme eu estava contando, lenta ou rapidamente. Depois passei a deixá-las iniciar a contagem da forma que quisessem, mais rápido ou mais devagar. E, mais uma vez, obtivemos resultado positivo, apesar da dificuldade no início.

Para me certificar de que elas haviam compreendido e para que elas treinassem um pouco mais, pedi para que procurassem duas músicas em casa (uma que elas pudessem estabelecer uma contagem mais lenta e outra mais rápida) e trouxessem no encontro para me mostrar. Mais que depressa algumas afirmaram "*Já sei que músicas vou trazer*", outras ficaram apenas pensativas.

Como combinado, ensinei os novos passos de sapateado montando uma nova coreografia. Elas sentiram mais dificuldade com esses novos passos, mas mesmo assim não desistiram e disseram que ensaiariam muito para me mostrar na próxima aula. Isso me deixou muito feliz, pois percebi que elas já haviam aprendido algo muito essencial na dança: perseverança, não desistir nunca, mesmo quando aquilo pareça ser impossível de executar.

Faltavam alguns minutos para encerrarmos o encontro e, como as atividades planejadas já haviam sido realizadas, resolvi aproveitar o tempo restante com uma atividade de integração. Perguntei, então, se elas gostariam de fazer uns minutos de brincadeira e a resposta foi mais que afirmativa.

Como nosso espaço não permitia que fizéssemos algo que envolvesse correr ou falar alto, decidimos coletivamente em brincar de telefone-sem-fio. Mesmo sendo uma brincadeira parada, percebi nos rostinhos delas que elas se divertiram muito, além de termos desenvolvido a cooperação, pois queriam que a palavra saísse corretamente no final e todas saíram da aula super felizes.

• TRABALHANDO MAIS UM POUCO COM A MÚSICA

Nesse novo encontro as alunas deveriam trazer de casa as músicas escolhidas e realizar a contagem de cada uma assim como havíamos feito na aula anterior.

Assim que cheguei na escola algumas das alunas já vieram empolgadíssimas me falar que haviam feito a tarefa de casa e que tinham trazido as músicas. *"Professora, eu trouxe o Cd do High School com uma música que eu gosto muito!"* uma das alunas me adiantou. Outra mencionou *"Pro, para a música rápida eu trouxe um Cd da minha mãe, porque eu não estava achando e ela me ajudou a encontrar!"*. Mas

também havia duas alunas que tristemente vieram me falar que tinham esquecido o Cd ou que não tinham vindo na aula anterior e, portanto, não sabiam que era para trazer as músicas. Comecei a acalmá-las, pois estavam muito eufóricas, dizendo que nós ouviríamos todas as músicas que elas haviam selecionado e para as duas que não haviam trazido eu falei que não tinha problema, que elas iriam fazer a contagem em alguma música que eu colocasse, só para treinar mais um pouco, mas pedi para que se comprometessem mais com as atividades realizando a próxima atividade que eu daria como tarefa de casa. Todas concordaram e me seguiram.

Sentamos no nosso local de trabalho como de costume e comecei chamando uma por uma para me dar os Cds e dizer quais eram os números das faixas. Assim como eu esperava, elas realizaram corretamente a tarefa. As que trouxeram as músicas de casa fizeram um ótimo trabalho, por isso elogiei o empenho delas e as parabenizei. Zanella (apud OLIVEIRA, 2005, p. 6) sugere que:

há quatro condições para que a aprendizagem ocorra, dentre elas as psicológicas que dizem respeito à motivação do indivíduo, ou seja, à forma como este se mobiliza e direciona sua ação na aprendizagem. Assim a motivação seria um processo interno que se constitui em resposta pessoal frente à determinada situação.

Por outro lado, o estímulo é algo externo que também impulsiona o indivíduo em determinada direção, fazendo com que ele haja. Logo, pensa-se no professor como fonte de estímulo aos alunos, com o desafio de criar ações concretas que incentivem os alunos a buscar e a realizar (OLIVEIRA, 2005).

As outras duas que não tinham feito a tarefa em casa também realizaram a contagem em duas músicas que eu selecionei na hora para cada uma. Também demonstrei satisfação por elas terem aprendido a

contagem e incentivei que elas me trouxessem no encontro seguinte as músicas, assim como as outras haviam feito.

Passamos, então, para a próxima etapa da aula. Usaríamos passos para marcar o compasso da música, não mais somente a contagem numérica falada. Demonstrei como faríamos essa atividade, com passos para frente e para trás, sendo que cada passo dado seria um tempo na música. As meninas ficaram animadas e queriam realizar logo a atividade proposta, então começamos, eu e elas juntas.

Quando observei que elas já tinham entendido deixei que fizessem sozinhas. Algumas apresentaram a dificuldade inicial, mas perseverantes, todas continuaram até eu mandar parar.

Demos continuidade à aula com uma outra atividade que envolvia música e sentimentos. Coloquei para elas ouvirem duas músicas diferentes: uma mais agitada e outra mais lenta, e enquanto elas estavam sendo tocadas pedi para que as alunas fechassem os olhos e gravassem em suas mentes qual a primeira sensação que elas teriam ao ouvir a música.

Perguntei a elas qual havia sido a sensação e, em total concordância, todas disseram que a música mais lenta trazia sensações de tristeza e a mais agitada de alegria, felicidade.

Com isso, expliquei a elas que a música desperta em nós muitos sentimentos e que através da dança, por exemplo, podemos demonstrá-los às pessoas. Mas que existem outras formas artísticas para se realizar isso e essa seria nossa forma: o desenho.

Pedi que desenhassem aquilo que representava a tristeza da música lenta e a alegria da música agitada para elas e elas desenharam:



FIG 14: Realizando a atividade



FIG 15: Realizando a atividade



FIG 16: Realizando a atividade



FIG 17: Desenho sobre sensações e música realizado por uma das alunas



FIG 18: Desenho sobre sensações e música realizado por uma das alunas

Depois pedi para que cada uma apresentasse seu desenho para todas as outras, para que pudéssemos compartilhar as sensações. Todas se envolveram com a atividade proposta, umas mais outras menos.

• **BRINCANDO COM O CORPO**

Iniciamos o nosso encontro muito bem. As alunas estavam dispostas, atentas e o nosso espaço de aula não estava sendo ocupado pela fanfarra.

A primeira atividade planejada era uma dança circular que envolvia passos de ballet. Algo muito diferente de todas as outras danças circulares que eu havia ensinado às crianças. Destaquei, então, que não só a dança circular abrangia muitas formas diferentes de ser realizada, mas sim a dança em seu aspecto global.

As meninas se interessaram muito em saber como era a dança, então, logo comecei a demonstrar-lhes. Contudo, fomos pegos de surpresa no meio de nosso encontro: uma das professoras da escola precisaria ensaiar seus alunos para uma festividade escolar, e ela utilizaria nosso espaço. Depois de algum tempo perdido atrás de alguma funcionária da escola que tivesse a chave da sala de informática, mudamos nossa aula de local.

Reiniciamos os passos da dança circular e permanecemos na atividade até quase o final da aula, não só pelo envolvimento das alunas com a atividade, mas também pelo fato de que havíamos perdido um pedaço da aula.

Quando restava alguns minutos para o término, foi possível retornar ao pátio da escola, e dei início à outra atividade que havia sido planejada para aquele dia: uma brincadeira que utilizaria todo o corpo. A brincadeira era “escravos de jó”, mas não seria realizada da forma tradicional. Quando eu expliquei para as alunas que utilizaríamos nossos corpos no lugar de um objeto elas ficaram eufóricas. “*Nossa Pro, que legal!*”, *Mas como vai ser?*” – não paravam de fazer perguntas e nem de falar. Pedi para que ficassem em silêncio e prestassem atenção às minhas instruções, caso contrário a aula acabaria e não seria possível a realização da atividade. Mais que de pressa houve um silêncio na sala.

Consegui, então, explicar a atividade: ficaríamos em roda e daríamos passos no sentido do relógio conforme a música (que todas conheciam); no momento que falasse “tira” deveríamos dar um passo para trás, “põe” um passo para a frente, “deixa ficar” teríamos que ficar

no lugar e no “zigue-zigue-zá” dar passos de ida, volta e ida no sentido da roda. Começamos a brincadeira e foi a maior sensação do encontro.



FIG 19: Se concentrando para iniciar a atividade



FIG 20: Escravos-de-jó usando o corpo



FIG 21: Escravos-de-jó usando o corpo

A aula terminou e as meninas queriam continuar brincando.

Elas se entusiasmaram tanto que falaram que ensinariam para as outras crianças na hora do recreio.

Saíram todas muito felizes desta aula.

• O ÚLTIMO ENCONTRO: UMA FINALIZAÇÃO MUITO ESPECIAL

Nosso último encontro foi carregado de muita descontração. Havíamos combinado de que elas trariam um prato de doce ou salgado e eu traria os refrigerantes, para que fizéssemos uma festinha de despedida.

Cheguei na escola e, como sempre, fui recebida com beijos e abraços. Estavam presentes somente duas das alunas, aquelas que me acompanharam desde o início, com muita perseverança. Infelizmente a data coincidiu com uma feira do livro, o que fez com que algumas das outras alunas tivessem apresentação de teatro na feira, no mesmo horário. Mas mesmo assim, nós três fomos para a sala de informática para dar término ao nosso trabalho.

Comecei falando para elas o quão importante havia sido aqueles nossos encontros e que cada uma delas ficaria guardada nas minhas boas lembranças. Falei, ainda, que eu esperava que elas tivessem realmente aprendido algo sobre a dança e que levassem isso para o resto das vidas delas.

Pedi, então, que elas fizessem uma apresentação para mim de uma dança qualquer, afinal infelizmente não ia ser possível a realização de uma apresentação oficial como eu havia planejado no início.

Como um enorme sorriso estampado no rosto e com um ar de satisfação, as duas quiseram apresentar a primeira dança circular que elas haviam aprendido.

Após a apresentação delas eu falei-lhes que tinha uma surpresa para elas. Coloquei meu sapato de sapateado e apresentei uma coreografia para elas. A carinha de felicidade e ao mesmo tempo de curiosidade de cada uma ainda permanece em minha mente. Logo em seguida elas queriam ver de perto o sapato, tocá-lo. Ficaram encantadas.

Para finalizar, comemos, bebemos e ficamos conversando.



FIG 22: Festinha de despedida – O Encerramento

No momento de despedida fui abraçada e beijada novamente. Uma troca de carinho única, que vai ficar muito bem guardada na minha memória e no meu coração.

Difícil foi ver aqueles dois rotinhos se distanciando na rua, ao sairmos da escola. Mas eu estava feliz em vê-las partindo com um sorriso, alegres e mais ainda, estava satisfeita, convicta de que meus objetivos haviam sido cumpridos.

AQUELE QUE ENSINA TAMBÉM APRENDE

Inúmeras vezes já ouvi que o professor também aprende muito com seus alunos, que cada nova experiência em aula significa o aprendizado de algo novo, seja porque um aluno fala alguma coisa sobre o qual o professor nunca tinha pensado antes, ou porque foi feita uma pergunta para a qual o professor não sabia a resposta e teve que buscar informação, mas de qualquer forma essa interação professor-aluno gera mais e mais conhecimento para ambas as partes.

Essa experiência com as alunas do 3º e 4º anos, me trouxe algo parecido com isso.

A cada dia uma nova experiência tanto para elas quanto para mim. A cada encontro uma troca mútua.

Tivemos alguns momentos de dificuldade, primeiro por causa de nosso espaço. O pátio era amplo, porém, onde ficávamos dava de frente para as salas de aula e, portanto não podíamos fazer atividades que fizessem muito alarde, que chamasse a atenção das outras crianças, e música tinha que estar em volume muito baixo. Além disso, várias vezes nosso espaço foi ocupado pela fanfarra da escola, ou por professora que queria ensaiar algo que os alunos iriam apresentar.

Não só a questão do espaço, mas a frequência das alunas também fez com que muitas vezes, eu sentisse uma grande dificuldade em preparar e conduzir as aulas, porque na verdade, eu nunca sabia quantas alunas eu teria na aula seguinte.

Entrando em contato com essas dificuldades, eu pude aprender a estar sempre pronta para trabalhar nos mais diversos lugares, ser criativa, deixar aulas alternativas prontas, pois nem sempre o que eu planejava de primeira, pôde sair como era previsto.

Mas não foram somente dificuldades, nossos encontros também contaram com muita alegria. As meninas que vinham, sempre estavam todas as vezes dispostas a aprender, sempre sorridentes e carinhosas.

Muitas foram as vezes que ganhei balas, florzinhas tiradas de um jardim, abraços e beijos repletos de carinho.

Vezeis ainda, que ouvi histórias da vida dessas meninas, que naquele momento me deixaram com um nó na garganta, uma realidade totalmente fora da minha, do que algum dia já vivi quando tinha a idade delas, mas histórias que me mostravam o quanto elas são fortes, mesmo com aquele pequeno tamanho delas, meninas únicas, que compartilharam experiências únicas durante esses dois semestres.

A dança é isso: cada um pode mostrar o que é, com total transparência. O dançar, faz com que as pessoas conheçam mais o seu eu, seu corpo, vivam e mostrem para os outros os seus sentimentos. E a dança circular, por exemplo, ainda faz com que haja uma socialização, um aprendizado no respeito ao próximo, no dançar por dançar para você, para a vida.

Portanto, acredito que a dança tem muitas coisas em comum com a educação escolar. Apesar do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) já trazê-la como algo importante para o desenvolvimento infanto-juvenil, as partes que constituem a instituição escolar devem tomar tal consciência e começar a ver a dança como auxiliadora em todo o processo de aprendizado, não só como algo que irá dar mais graça a uma apresentação de dia das mães ou festa junina, mas sim algo para ser experimentado, vivenciado no cotidiano do aluno.

O ESPETÁCULO NÃO DEVE PARAR...

A criança é um artista por natureza. Basta auxiliá-las a despertar sua criatividade. Como diz Freire (2001), as crianças precisam desenvolver as habilidades e conhecimentos necessários para criar, modelar e estruturar movimentos em forma de dança expressiva. Com um pouco de encorajamento e assistência, elas brincarão e improvisarão com esses padrões básicos de movimento.

A dança não tem o seu fascínio apenas como arte, beleza e cultura, mas em sua ação pedagógica, pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento infantil (SANTOS, 2005). Esta permite desenvolver valores físicos, morais, socioculturais e mentais. Portanto dançar não deve ser privilégio de alguns, mas um excelente método capaz de auxiliar na formação pedagógica e capaz de desenvolver em seus praticantes uma consciência corporal enquanto sujeito transformador do tempo e do espaço (CAVASIN, 2003).

Segundo com Morandi (2006), ainda estamos distantes da dança estar inserida no contexto escolar como forma de conhecimento artístico que possibilite a formação do ser sensível, crítico e reflexivo, como forma de expressão e comunicação do ser humano.

Contudo, a escola tem papel fundamental na realização desse trabalho, devendo dar sustentação ao professor e aos alunos, pois sua função é oportunizar a socialização do saber, permitindo que o aprendizado ocorra de todas as formas possíveis (CAVASIN, 2003).

A criança passa grande parte do seu tempo na escola, portanto esta instituição, que apresenta ferramentas necessárias para o desenvolvimento infantil, deve encarar a dança com seriedade, como uma disciplina tão importante quanto as outras inseridas no currículo escolar.

Em resumo, a dança deve estar sempre presente na vida das crianças para que estas possam se expressar livremente e que o

instrumento mais rico que elas possuem, seus corpos, tragam a alegria de viver e as mais diversas sensações e experiências em todo o seu desenvolvimento. E que quando adultas, nunca esqueçam a importância de seus corpos na comunicação e relação como os demais indivíduos, sempre respeitando o próximo e, principalmente, o eu.

O “espetáculo” da vida deve sempre continuar!



FIG 23: Agradecimento

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999. 112p. **Coleção Papirus Educação**.

AU, S. **Ballet and Modern Dance**. London: Thames & Hudson, 2006. 224p.

BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 2ª. Ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2005. 161p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais: ética**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, RJ, 2000. 146p.

CAMINADA, E. & ARAGÃO, V. **Programa de ensino de ballet** – uma proposição, Rio de Janeiro: UniverCidade, 2006. 152p.

CAVASIN, C. R. A dança na Aprendizagem. **Revista da pós-graduação ICPG**. Rev. 03. ago-dez. 2003. Disponível em: <<http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-01.pdf>> Acesso em: 25 maio 2007.

COSTA, A. L. B. da. Dança: uma herança à disposição de todos. In: COSTA, A. L. B. da. et al. **Danças Circulares Sagradas** – Uma Proposta de Educação e Cura. 2ª. Ed., São Paulo, SP: Triom, 1998. 196p.

DANTAS, M. **Dança:** o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. 126p.

EID, M. M. R. Danças Circulares: Um Caminho para a Cura. In: COSTA, A. L. B. da. et al. **Danças Circulares Sagradas** – Uma Proposta de Educação e Cura. 2ª. Ed., São Paulo, SP: Triom, 1998. 196p.

FREIRE, I. M. Dance-education: the body and movement in the space of knowledge. **Cad. CEDES.**, Campinas, v. 21, n. 53, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622001000100003&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 5 ago. 2007.

GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 134p. **Coleção Educação e Conhecimento.**

LEONTIEV, A. N. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-Escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 7ª. Edição. São Paulo, SP: Ícone, 2001. 228p.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola.** 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. 206p.

MELO, J. P. de. **Desenvolvimento da consciência corporal:** uma experiência da educação física na idade pré-escolar. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 124p. **Série Pesquisas**

MORANDI, C. A Dança e a Educação do cidadão sensível. In: STRAZZACAPPA, M. **Entre a arte e a docência:** A formação do artista da dança. Campinas: Papyrus, 2006. 125p. **Coleção Ágere**

OLIVEIRA, C. B. E. de.; ALVES, P. B. **Ensino Fundamental: Papel do professor, Motivação e Estimulação no contexto escolar**. Ribeirão Preto, SP, v.15(30), p.227-238, 2005. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/31/09.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2008.

OSSONA, P. **A Educação pela Dança**. São Paulo: Summus, 1988. 173p.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 24ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 136p.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. **Coleção Educação e Conhecimento**.

SALVADOR, C. C. et al. **Psicologia da Educação**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1999. 209p.

SANTOS, J. T. dos.; LUCAREVSKI, J. A.; SILVA, R. M. da. **Dança na Escola: benefícios e contribuições na fase pré-escolar**. 2005. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0046.pdf>> Acesso em: 25 maio 2007.

SANS, P. de T. C. **A criança e o artista: Fundamentos para o ensino das artes plásticas**. 2ª. Ed. Campinas, SP: Papirus, 1995. 112p. **Coleção Ágere**.

SAVIANI, D. Sobre a Natureza e Especificidade da Educação. In: **Mesa Redonda sobre a "Natureza e Especificidade da Educação"**. 1984. Brasília: INEP, 1984.

SCARPATO, M. T. Dança educativa: um fato em escolas de São Paulo. **Cad. CEDES**. Campinas, v.21, n.53, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100004> Acesso em: 25 maio 2007.

SIQUEIRA, L. G. G. & Wechsler, S. M. **Motivação para a Aprendizagem Escolar**: Possibilidade de Medida. Avaliação Psicológica, v. 5, p. 21-31, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000100004&lng=pt&nrm=>> Acesso em: 8 ago. 2007.

STORI, N. Introdução. In: STORI, N. (org) **O despertar da sensibilidade na educação**. São Paulo, SP: Instituto Presbiteriano Mackenzie: Cultura Acadêmica Editora, 2003. 204p.

STRAZZCAPPA, M. The education and the body's factory: dance in school. **Cad. CEDES**. Campinas, v.21, n.53, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005> Acesso em: 25 maio 2007.

VERDERI, E. B. L. P. **Dança na Escola**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Sprint, 2000. 119p.

ZANLUCHI, F. B.; PALANGANA, I. C. **Das relações entre desenvolvimento da capacidade criativa, atividade lúdica e educação**. Maringá, PR, 2003. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacao/sem_ppe_2003/Trabalhos%20Completo/pdf/031.pdf> Acesso em: 8 ago. 2007

WOSIEN, B. **Dança** – um Caminho para a Totalidade. 2ª. Ed., São Paulo: Triom, 2006. 157p.